

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Causas e consequências das retenções escolares em alunos que a(s) viveram

Carolina Nunes Flambó

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:

Doutora Teresa Seabra, Professora Associada

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

novembro, 2021



Departamento de Sociologia

Causas e consequências das retenções escolares em alunos que a(s) viveram

Carolina Nunes Flambó

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:

Doutora Teresa Seabra, Professora Associada

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

novembro, 2021

Agradecimentos

Quero agradecer em primeiro lugar à minha família por toda a paciência e o apoio incondicional.

Agradeço às minhas colegas de Mestrado que me ajudaram e forneceram o contacto da Escola para poder entrevistar os alunos.

À coordenadora da Escola pela amabilidade com que me recebeu.

Aos entrevistados que contribuíram para que este trabalho fosse possível.

À minha orientadora pela disponibilidade.

E a todas as pessoas que de alguma forma se cruzaram no meu caminho e me ajudaram a crescer enquanto pessoa.

Muito Obrigada por tudo!

Resumo

Este trabalho final de Mestrado tem como principal objetivo ouvir o que os alunos têm a dizer sobre a sua retenção. Ou seja, o que é pretendido é saber a opinião dos mesmos em relação ao assunto e entender o que é que despoletou o insucesso escolar. Foram realizadas treze entrevistas a alunos adultos (todos com mais de 18 anos), que na grande maioria, frequentam Cursos de Formação de Adultos (CFA) e que já ficaram retidos pelo menos, um ano letivo completo. Foi possível identificar como principais causas atribuídas pelos entrevistados à sua retenção: razões intrínsecas (falta de interesse, de motivação e de estudo) e extrínsecas (mudança de país e a má influência dos colegas); as reações e o apoio dos familiares, nomeadamente os pais, também são fatores importantes, assim como o apoio dos professores. As principais consequências da retenção são: a mentalidade dos alunos muda normalmente para melhor, no entanto outros alunos consideram que foi um atraso e que perderam tempo.

Palavras-chave: Insucesso escolar, alunos, auto-atribuição causal

Abstract

This Master's final work has as its main objective to hear what students have to say about their retention. In other words, what is intended is to know their opinion on the subject and understand what triggered the school failure. Thirteen interviews were conducted with adult students (all over 18 years old), who mostly attend Adult Training Courses (CFA) and who have already been retained for at least one full academic year. It was possible to identify as the main causes attributed by the interviewees to their retention: intrinsic reasons (lack of interest, motivation and study) and extrinsic reasons (change of country and the bad influence of colleagues); the reactions and support from family members, namely parents, are also important factors, as is the support from teachers. The main consequences of retention are: the students' mentality usually changes for the better, however other students consider that it was a delay and that they have wasted time.

Key Words: School failure, students, causal self-attribution

Índice

Introdução	1
1. Enquadramento Teórico	2
1.1 Causas do insucesso escolar	2
1.2 O que é que os jovens pensam sobre a retenção	6
2. Metodologia	8
3. Análise dos resultados	10
3.1. Causas da retenção evocadas pelos entrevistados	10
3.2. Reação da família à situação de retenção	11
3.3. Apoio por parte dos professores	11
3.4. Influência da turma	12
3.5. Sentimentos experimentados no momento da retenção	12
3.6. Avaliação dos efeitos da retenção e como a evitar	13
3.7. Modos de evitar a retenção	13
Conclusão	15
Bibliografia	16
Anexos	17
Anexo 1	17
Anexo 2	18

Introdução

O presente trabalho de investigação realiza-se no contexto do Mestrado em Educação e Sociedade integrado no ISCTE. Nesta seção tentarei discriminar o tema, os objetivos e a estrutura do trabalho.

O trabalho aborda o tema do insucesso escolar. A questão de partida é: Quais as causas e os efeitos da retenção escolar em alunos que já repetiram anos de escolaridade?

Os objetivos principais deste trabalho são: ouvir o que é que os alunos têm a dizer sobre a sua retenção e conseqüentemente o seu insucesso escolar; perceber as principais causas que desencadeiam a retenção e verificar os possíveis efeitos que a retenção teve nos alunos.

Esta dissertação está organizada da seguinte maneira, primeiramente desenvolvi um enquadramento teórico onde recorri a alguns autores que já tinham investigado o tema do insucesso escolar; na segunda parte desenvolvi uma metodologia comparativa tipológica em que entrevistei treze alunos com idades compreendidas entre os dezoito e sessenta de três anos. Esta metodologia surgiu uma vez que existe um trabalho já finalizado que despoletou o meu interesse pelo insucesso escolar vivido pelos alunos e mais precisamente pela retenção. O trabalho é da autoria de Berta Belo que investiga os processos de produção do insucesso escolar do ponto de vista dos alunos. Sou Licenciada em Educação e Formação e o insucesso escolar sempre foi um tema que me chamou a atenção. No entanto, não foi fácil encontrar um trabalho que tentasse ouvir os alunos e perceber o que realmente acontece na vida do estudante para reprovar um ou mais anos de escolaridade.

Acho importante que os alunos tenham uma voz cada vez mais ativa no seu processo de aprendizagem e que reflitam sobre os seus objetivos perante a escola e que a mesma consiga prestar os apoios para que tenham um bom aproveitamento escolar.

1. Enquadramento Teórico

Neste primeiro ponto, vou referir as principais causas do insucesso escolar que a literatura científica tem identificado, referindo, no subponto 2, o conhecimento produzido sobre as causas e os efeitos da retenção, segundo o ponto de vista dos alunos que já sofreram a retenção escolar.

No que diz respeito às retenções existem as mais diversas opiniões. Desta forma, irei apresentar autores que já estudaram este tema para posteriormente poder desenvolver as minhas próprias reflexões sobre as reprovações em contexto escolar.

1.1 Causas do insucesso escolar

Tendo por base autores que já investigaram sobre o tema do insucesso escolar, a reprovação consiste em fazer com que o aluno tenha de repetir um ano de escolaridade, o que o impossibilita de avançar para o ano letivo seguinte. Isto acontece quando o aluno não consegue ter um bom e proveitoso desempenho escolar. O motivo para a ocorrência de uma reprovação, pode ser explicado por várias razões que serão apresentadas mais à frente. A reprovação acaba por produzir diversos efeitos que também é um tópico que pretendo abordar neste trabalho de investigação.

Segundo Roazzi & Almeida (1988), o grande problema é que a reprovação na maior parte das vezes mais não serve do que “*para sancionar a pouca aprendizagem dos alunos e, deste modo, para os obrigar a repetir uma mesma aprendizagem* (geralmente não apenas a mesma matéria, mas também com o mesmo professor, o mesmo método e a falta de inovação, ...)” (p.57).

É importante fazer uma breve referência a Van Haecht (2001), em que defende “que a escola deve dar abertura às crianças para demonstrarem as suas capacidades, para conseguirem ter a melhor situação social possível de acordo com as competências que vão adquirindo ao longo da sua vida.”(citado por Seabra, 2010:21).

Desde logo, os alunos quando acedem à escola encontram-se em diferentes condições para aprender e interiorizar as regras da escola, por isso é necessário, dar mais apoios e ferramentas aos alunos menos preparados para as exigências escolares, de modo a ficarem mais aptos e conseguirem acompanhar as aulas e a turma em que estão inseridos. Desta maneira são acentuadas as desigualdades de trajetórias escolares que poderão estar relacionadas como Teresa Seabra (2010) refere “às

condições sociais dos progenitores dos alunos, à origem dos próprios alunos/ascendentes, ao território de residência e à condição de gênero.” (p.34)

Acho ainda importante definir o conceito de meritocracia que segundo Seabra (2009) *“consiste em fazer depender o futuro do aluno através do mérito de cada um, e já que todos estão sujeitos às mesmas exigências, ou seja, suprimiu-se os obstáculos decorrentes da condição social, do sucesso ou insucesso dependendo em primeiro lugar do mérito do próprio aluno, o qual integra para além dos dotes naturais o esforço despendido”* (p.76). Segundo o autor Coleman (1975 [1968]) é *“obrigação do Estado proporcionar essas condições de paridade e passa a ser obrigação das famílias e das crianças usarem a oportunidade que lhes é oferecida”*(citado por Seabra 2010: 22). Trata-se, por isso, *“de fazer depender o futuro do mérito de cada um, já que todos estão sujeitos às mesmas exigências, suprimindo os obstáculos decorrentes da condição social, o sucesso ou insucesso dependem em primeiro lugar do mérito do próprio aluno, o qual integra para além dos dotes naturais o esforço despendido”*. (citado por Seabra 2010:23).

Segundo esta teoria todos deveriam aceder a um sistema de ensino em tudo semelhante: os mesmos currículos, a mesma qualidade de professores e as mesmas exigências, de modo que os resultados não fossem afetados pela disparidade de condições escolares e fosse assim possível diferenciar os alunos de acordo com o mérito revelado.

No entanto, surgiram dois autores que discordaram totalmente com o que anteriormente se defendia. Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1964) publicaram a obra *Les Héritiers: les étudiants et la culture*, que deu vigor à ideia de que, para proporcionar igualdade de oportunidades, não era suficiente, nem desejável, dar «tudo igual a todos» e que esta política tinha como efeito perverso potenciar a desigualdade de oportunidades.

Estes autores vieram mostrar que estas abordagens tomadas no sentido de proporcionar a todos a igualdade de resultados não com o intuito de pôr fim à hierarquização e à seletividade escolares levadas a efeito pelo sistema de avaliação, mas sim o de garantir que os alunos de todos os grupos sociais, independentemente das suas condições de partida, tivessem a mesma possibilidade de ter sucesso escolar.

Emergiram, por isso, também modalidades de elevadas exigências enunciadas por Coleman (1975 [1968]): “por um lado verificar se o mesmo tipo de alunos teria os mesmos resultados em diferentes escolas e verificar se há igualdade de resultados, dados os diferentes “inputs” individuais, e por outro, avaliar se a escola conseguiu ou

não ensinar todos os alunos, independentemente da sua condição social. De uma maneira geral, os efeitos das políticas de discriminação positiva no contexto escolar não têm produzido os resultados esperados. São vários os autores que criticam «tudo igual para todos» como Dubet (1996) onde refere que "*o aluno só escolhe dentro do que lhe resta escolher em função das suas performances [...] encontra-se envolvido num processo de exclusão relativa*" (citado por Seabra 2010:27). Ou mesmo Ravon (2000) "*é por vivermos numa sociedade que pretende transformar as condições democráticas da sua existência que o insucesso escolar constitui um problema*" (citado por Seabra 2010:30).

Tendo por base, autores especializados no tema do insucesso escolar, irei passar a explicitar as causas que estão por detrás da ocorrência do insucesso escolar.

Causas individuais

Neste ponto, serão referidas as causas pessoais/ individuais que podem originar a reprovação. Assim, segundo Cortesão e Torres (1990) "*a crença de que o sucesso escolar é um facto natural ligado aos dons individuais, foi durante muito tempo uma constante. Nesta perspetiva, o insucesso escolar é interpretado (...) à luz de uma componente: o indivíduo. Tudo se reduz a deficiências traduzidas por termos como «não-dotados», «sem disposições naturais», «QI baixo»*" (citado por Belo 2010:4).

No entanto, o insucesso escolar do próprio aluno decorre, por senso comum, da falta de vontade, da falta de motivação ou preguiça, além dos fatores escolares, socioeconómicos e familiares. Claro está que, por vezes, pode mesmo existir uma disfunção cognitiva, sensorial ou motora, muitas vezes tardiamente detetada, que pode desviar o aluno da performance esperada. Para Dolle & Bellano (1993) "*o sentimento de insucesso escolar percecionado pelo indivíduo pode originar sentimentos de rejeição, desgosto, agressividade, entre outros. Estas reações podem, por sua vez, representar um aumento do próprio insucesso, o que leva o jovem a cair numa bola de neve da qual dificilmente conseguirá sair caso não lhe seja prestado o auxílio necessário.*" (citado por Bruno Rosa 2013:23). Também na sua investigação Minuchin apresenta a premissa de que "*os indivíduos vivem em sociedade, nomeadamente, em grupos sociais e conseqüentemente o comportamento do aluno é influenciado pelos demais. Desta maneira as atitudes e comportamentos dos próprios alunos também influenciam a sua prestação na escola.*" (citado por Bruno Rosa 2013:23).

Causas familiares

Atualmente, ainda, não é de estranhar quando se afirma que a escola penaliza os alunos cujas famílias são pouco escolarizadas ou que desempenham profissões consideradas socialmente menos valorizadas. Como defende Guerreiro (1998) *“as atitudes e crenças dos pais influenciam a construção da personalidade e crenças dos filhos. Assim sendo, o valor atribuído pelos pais à escola e às aprendizagens vai influenciar a representação que os alunos fazem das mesmas”* (citado por Rosa 2013:35).

Uma situação de divórcio, uma morte ou um membro da família ficar no desemprego fragilizam ainda mais a situação económica de uma família e a situação escolar do próprio aluno. Tal como refere Lahire (2008), *“uma configuração familiar relativamente estável, que permite à criança relações sociais frequentes e duradouras com os pais, é uma condição necessária à produção de uma relação com o “êxito”.* (p.17).

Causas escolares

Uma boa relação com os professores aparece associada ao sucesso escolar. Apoiando-me em Becker o mesmo refere que *“a população escolar, arrasta consigo sérios problemas de adaptação ou ajustamento para os profissionais do ensino. Estes veem-se envolvidos numa situação em que são obrigados a interagir com todos os alunos que, em certos casos, se afasta dos seus padrões e ideais. O maior problema dos professores é conseguirem criar uma boa relação com todos. Só que numa sociedade urbana altamente diferenciada, os alunos variam muito e normalmente, só uma pequena parte, serão potencialmente bons alunos.”* (citado por Carlos Gomes, 1987:37).

De entre as causas de ordem escolar, o insucesso escolar pode ainda relacionar-se com as baixas expectativas dos professores em relação aos alunos; os métodos de ensino utilizados pouco adequados às características de cada aluno; a existência de currículos demasiados extensos e o elevado número de alunos por escola e turma.

Seabra & outros (2017) concluem que *“as escolas que fazem melhor são as que procuram criar estratégias de moderação dos impactos das desigualdades sociais ou de níveis de desfavorecimento social elevado nos resultados dos alunos. Apostam numa abordagem em que o sucesso escolar é visto como um processo contínuo da aprendizagem, com uma aposta numa visão participada, mobilizadora e mais equitativa dos atores escolares, promovendo um ambiente organizacional de melhores aprendizagens”* (p.118).

1.2 O que é que os jovens pensam sobre a retenção

Este ponto refere-se às conclusões dos estudos realizados sobre o que é que os jovens têm a dizer sobre a sua retenção de um ou mais anos de escolaridade.

Berta Belo (2010) entrevistou onze alunos que tinham reprovado para perceber as suas vivências do insucesso escolar. Dividiu o seu trabalho da seguinte maneira: perspetivas comuns e divergências.

Nas perspetivas comuns referiu que a atribuição causal do insucesso escolar centrava-se nos próprios alunos (Ideologia meritocrática), ou seja, existe um desinvestimento em relação à escola; o comportamento dos alunos não era o mais adequado em sala de aula (autora faz referência de uma situação bastante grave de duas alunas que sentiram que a turma às colocava à parte, este fator desmotivou- às e tal não devia ser a situação, que as alunas desejavam reprovar como forma de se desligarem da turma); os problemas familiares, uma vez que os alunos que têm os pais separados sofrem de mais insucesso escolar; os professores pois devem ter um bom relacionamento com os alunos e a forma como conduzem as aulas são as qualidades que os alunos mais apontam; as aspirações dos filhos e pais não estão associadas com a formação dos pais, cursos ou anos de repetência, os alunos pensam em ingressar no Ensino Superior no entanto os que têm um maior número de retenções referem menos expectativas de conseguirem e por último o acompanhamento familiar existe na medida em que os pais acompanham os filhos nos estudos e quando são chamados à Escola estão presentes.

Nas divergências a autora volta a dividir os alunos que vivem com esperança (Ensino Regular) e os que vivem com arrependimento (Curso Técnico- Profissional e o da Turma de Currículo Alternativo).

Os alunos que vivem com esperança apesar de partilharem da ideologia meritocrática, salientam o papel do professor no seu insucesso escolar, através da “prática de discriminação” e por razões intrínsecas ao funcionamento das aulas.

Os alunos que vivem com arrependimento também partilharam da ideologia meritocrática, no entanto não referem os professores como causa do seu insucesso escolar, mas sim os colegas/turma.

Uma outra autora desenvolveu um trabalho final sobre o efeito da reprovação na motivação dos alunos e pretendeu traduzir os resultados em ideias que pudessem dar um contributo para melhorar o sistema de ensino. Neste sentido, Rute Duarte (2016)

compreendeu que os entrevistados vivenciavam sentimentos diferenciados quando ficavam a saber que tinham reprovado, mas de algum modo referiam que a reprovação era justa.

Após a reprovação, os entrevistados referem que o seu comportamento e atenção nas aulas melhorou.

A motivação dos alunos encontra-se muito associada à obtenção de um prémio, ou seja, se os pais/família lhes prometer algo que querem muito eles estudam, mas é uma motivação que a longo prazo não funciona.

Duarte (2016) constatou que o sistema de ensino precisa sofrer uma profunda reestruturação: ao nível do tempo excessivo de aulas, da complexidade dos conteúdos programáticos, da forma de lecionar e da forma como se avalia os alunos.

2. Metodologia

Este estudo foi desenvolvido com o principal objetivo de ouvir os alunos sobre a sua experiência ao terem reprovado um ou mais anos. Foram realizadas treze entrevistas a uma amostra intencional de alunos com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos.

Ficou decidido que iria desenvolver entrevistas, uma vez que é uma técnica que fornece dados mais precisos no que toca às atitudes, aos sentimentos e até mesmo à compreensão de experiências em relação ao passado e aos projetos futuros dos entrevistados.

Para selecionar esta amostra tive de pedir ajuda a uma colega de Mestrado que me forneceu o contacto de uma Escola onde os alunos eram todos maiores de idade. Entrei em contacto com a Diretora dos cursos EFA (Educação e Formação de Adultos) que prontamente me deixou entrevistar onze alunos, em que todos eles tinham pelo menos reprovado um ano letivo completo. Os outros dois entrevistados foram conseguidos por conta própria. É importante explicar o que são os cursos EFA, estes destinam-se a tornar as pessoas mais ativas e a melhorar os seus níveis de empregabilidade e de inclusão social e profissional. Quem recorre a estes cursos são pessoas com idade igual ou superior a 18 anos à data do início do curso, sem a qualificação adequada para efeitos de inserção ou progressão no mercado de trabalho e, prioritariamente, sem a conclusão do ensino básico ou ensino secundário.

Para responder à minha questão de partida utilizei uma metodologia comparativa tipológica que segundo Ragin (1994) *“tem como principal finalidade conseguir captar a diversidade constitutiva de um determinado fenómeno social (que no caso é a reprovação), à partida apenas conhecido de maneira vaga e indiferenciada. Os resultados mais importantes a que se chega condensam-se, na maioria das vezes, em torno de uma tipologia, a das principais modalidades que tal fenómeno assume”* (citado por Costa 1999:10).

Procura-se realizar uma comparação entre as unidades estudadas, organizando-as por tipos.

Na tabela 1 foi desenvolvida uma caracterização dos entrevistados, para melhor compreensão dos dados.

Como se pode verificar na Tabela 1 existe uma grande variedade de idades, a média das idades situa-se nos 26 anos e o número de idades mais representativa é a dos 20 anos, ou seja, tiveram mais do que uma reprovação. Relativamente ao género foram entrevistados nove alunos pertencentes ao género masculino e quatro ao género

feminino e quanto ao número de reprovações é de salientar que ocorreram com mais predominância no 2.º e 3.º ciclo.

Tabela 1- Perfil dos Entrevistados

Nomes (fictícios)	Sexo	Anos	Retenções		Situação atual	Nacionalidade
			Nº	Anos de escolaridade		
Madalena	F	37	1	7.º ano	Curso EFA	Portuguesa
Érica	F	21	1	7.º ano	Curso EFA	Portuguesa
Rodrigo	M	19	1	5.º ano	Curso EFA	Portuguesa
Isabel	F	63	1	6.º ano	Curso EFA	Portuguesa
Márcia	F	18	1	11.º ano	Curso EFA	Guineense
Ricardo	M	19	1	8.º ano	Curso EFA	Portuguesa
Francisco	M	23	1	9.º ano	Trabalhador por conta de outrem	Portuguesa
César	M	20	2	3.º e 7º ano	Curso EFA	Angolano
Tomás	M	20	2	6.º e 7.º ano	Curso EFA	Portuguesa
Rui	M	35	2	5.º ano e 7.º ano	Curso EFA	Angolano
Arthur	M	20	2	8.º ano e 9.º ano	Curso EFA	Portuguesa
Marco	M	20	2	5.º e 6.º ano	Curso EFA	São Tomense
David	M	23	2	9.º ano e 10.º ano	Curso EFA	Portuguesa

Todos os entrevistados frequentam um curso EFA, correspondente ao nível 3 de qualificações do Quadro Nacional de Qualificações (Ensino Secundário), com exceção do Francisco que trabalha, após ter concluído o 12.º ano no curso científico ou humanístico (Línguas e Humanidades).

3. Análise dos resultados

Os inquiridos foram questionados sobre as causas e consequências que estão na origem do seu insucesso escolar. Esta análise será focada em cinco tópicos principais, que são eles: as causas da retenção evocadas pelos entrevistados; as reações da família; os sentimentos experimentados no momento da retenção; a avaliação dos efeitos da retenção e, por último, os modos de evitar a retenção (conselhos).

3.1. Causas da retenção evocadas pelos entrevistados

Ao analisar as entrevistas é possível identificar dois tipos de causas, as intrínsecas, que se referem aos casos em que o indivíduo atribui a retenção a si próprio e as extrínsecas, quando são exteriores ao próprio. Na maioria dos casos os inquiridos evocam razões tanto internas como externas. No entanto, o David referiu apenas razões intrínsecas (falta de interesse, de motivação e de estudo) e a Márcia e o Marco referiram exclusivamente causas extrínsecas (mudança de país e a má influência dos colegas).

No que se refere às causas internas, para além da falta de interesse ou motivação, e estudo, referidos pelo David, foram igualmente referidas a falta às aulas, o mau comportamento e a falta de objetivos ou de maturidade.

“...nós não queríamos aprender, não queríamos estar ali, então não aprendíamos nada estavam só a brincar e sempre que podíamos sempre que não estavam a olhar ou assim estavam mais focados na brincadeira do que na verdade na aprendizagem, mas eu acho que tínhamos possibilidades foi só mesmo mentalidade de miúdo”. (David, 23 anos, 2 retenções)

Nas causas extrínsecas são apontadas a má influência dos colegas e as mudanças de escola e de país, nos casos em que imigraram.

“No 8.º ano era bastante mau, ano em que eu chumbei, tinha colegas meus que na altura eu pensava que eram as melhores companhias, mas no fundo, não foram...muita conversa, poucos respetos aos professores quando nos mandavam calar, e, havia um ou outro que pronto eram os melhores alunos, que se destacavam e não criavam problemas na turma, mas de resto era tudo muito problemático, conversas, faltavam, respondiam aos professores”. (Ricardo, 19 anos, 1 retenção)

“Tive dificuldades de me adaptar a Portugal, vim de fora, sou de São Tomé e Príncipe e quando eu cheguei aqui tinha oito ou nove anos e a escola era muito diferente. Eu cheguei estava no 3.º ano e no 5.º ano continuei a não me adaptar e alguns comportamentos também não ajudaram” (Marco, 20 anos, 2 retenções)

3.2. Reação da família à situação de retenção

É de ressaltar que o apoio familiar nesta e em qualquer outra situação é fundamental para a autoestima dos alunos.

A grande parte dos entrevistados referiu ter apoio da sua família e no momento em que ocorreu a reprovação não foi exceção. No entanto, os alunos confessaram que existiu um desapontamento por parte dos seus familiares em relação ao facto de terem reprovado.

“Sim...estavam sempre lá para mim, quando eu precisasse, eu é que também não queria a ajuda deles... eu sabia que ia ser castigado pelas notas más que ia ter e pelas porcarias que andava a fazer, como não estava a seguir o percurso escolar como deve ser, e os meus pais tinham expectativas, não sei, na minha família nunca foi muito normal, não há pessoas que chumbem...”. (David, 23 anos, 2 retenções)

Grande parte dos entrevistados refere que os pais os inscrevem no centro de explicação após a retenção.

“...a minha mãe meteu-me um ano (na explicação).” (César, 20 anos, 2 retenções).

“Sim, o meu pai não tanto mas a minha mãe sempre esteve do meu lado, o meu pai não queria que eu chumba-se mas acabou por acontecer, ficou triste comigo e chateado mas lá no fundo tudo esteve sempre a apoiar porque depois também foi para um centro de estudos no ano a seguir no 8.º ano depois de ter chumbado e meteram-me no centro de estudos e tudo, mas eu depois não precisei mais do centro de estudo porque realmente se eu não faltasse às aulas, eu conseguia ter as notas em condições para passar...”. (Ricardo, 19 anos, 1 retenção)

3.3. Apoio por parte dos professores

De uma forma geral todos os entrevistados afirmam ter uma boa relação com os seus professores, (todas as raparigas afirmam esta boa relação com os professores e um aluno com mais do que uma retenção (o Arthur) também afirma. No entanto, existem alunos (maioria com mais do que uma retenção) que referiram que necessitavam de incentivos por parte dos professores, que demonstrem interesse em saber como o aluno está, que conversem mais com eles e que expliquem a matéria de modo a motivar e a incutir o gosto em aprender.

“...é assim, os professores sempre que for preciso explicar, ele explica mais que uma, duas, três vezes, mas nesse caso para mim era mentira, ele explicava uma vez e se eu não entendesse ou algo do género ele dizia tivesses prestado atenção ou algo do género. Mas nem todos eram assim, existem professores que queriam mesmo ajudar, ajudavam

mesmo, mas alguns simplesmente só estavam lá para dar a matéria”. (Tomás, 20 anos, 2 retenções)

Neste caso, os professores por vezes já não têm paciência para estar sempre a repetir o que já foi dito quando o aluno estava distraído. O que nos leva para outro tópico: a influência da turma.

3.4. Influência da turma

Regra geral os inquiridos referem que têm uma boa relação com os seus colegas, mas alguns referem que os colegas podem ser uma má influência (através das distrações, das conversas, das brincadeiras, entre outros) e outros alunos afirmam que se sentiram excluídos ou porque vieram de outro país e não se conseguiram integrar ou, porque são pessoas mais introvertidas.

“Era muita conversa, pouco respeito aos professores quando mandavam calar e havia um ou outro que pronto eram os melhores alunos, que se destacavam e não faziam, não criavam problemas na turma, mas o resto era tudo muito problemático, conversas, faltavam, respondiam aos professores”. (Ricardo, 19 anos, 1 retenção)

“Não, porque quando eu vim para cá, não sei se foi a zona que eu fui viver que foi para aqueles lados de Leiria... mas acho que não estavam muito habituados a pessoas africanas e sentia um bocadinho de Bullying, parecia que era separado da turma, isso desmotivava”. (Rui, 35 anos, 2 retenções)

“Com os colegas não tínhamos, não era amiga deles não é, só de algumas que também vieram do meu país, só andava com elas, mas eu acho que elas podiam inserir mais as pessoas quando são novas, porque eles são novos não tem amizade no país, eles sempre foram simpáticos comigo, me deram a matéria, mas eles não são obrigados a serem amigos de ninguém” (Márcia, 18 anos, 1 retenção).

3.5. Sentimentos experimentados no momento da retenção

Passando para a questão do sentimento e valor que os alunos atribuem à reprovação existem diferentes perspetivas. Existem alunos que conseguiram melhorar as notas e o comportamento após terem reprovado, outros afirmaram que a mentalidade é que muda e ainda outros referiram que foi um atraso e que perderam tempo. Mas de uma maneira geral, consideraram que a reprovação iria acontecer mais cedo ou mais tarde porque não havia muito interesse nem motivação, da parte do próprio aluno para ter melhores resultados. Quando a reprovação surge é muito normal os sentimentos associados, serem de tristeza, de raiva e de desilusão. Existem algumas razões para que esses sentimentos sejam os mais presentes, uma vez que, têm receio que a família fique com

as expectativas mais baixas, veem os amigos passarem para o próximo ano e eles não e, ficam com a sensação que poderiam ter feito mais e melhor.

“Fiquei super chateado, triste até, porque não tanto por ter reprovado, mas pelo facto de ter perdido a minha turma. Os meus amigos todos, ou a maior parte, passou de ano e eu fiquei no 9.º ano, acho que foi a pior coisa...”. (David, 23 anos, 2 retenções)

“...a verdade é que na altura eu também não estudava e esse ano (em que reprovou) foi "abençoado" porque apesar de eu ter reprovado o ano, foi um "abre olhos", tinha de acontecer, porque já estava naquela espiral, eu ia acabar por chumbar um ano qualquer, porque não queria saber da escola, a verdade é essa. Mas se calhar tinha sido evitado”. (Francisco, 23 anos, 1 retenção)

3.6. Avaliação dos efeitos da retenção e como a evitar

Quase a finalizar foi solicitado que os alunos referissem o que é que os tinha levado à retenção. As principais respostas foram: a falta de estudo e a falta às aulas. Alguns alunos ainda referem que a retenção foi uma perda de tempo e um sinal de alerta que as escolhas e prioridades não eram as mais corretas.

Eu sinceramente eu não estudava, às vezes estava na aula passava as coisas, mas era por exemplo quando a matéria me agradava quando era uma coisa que não me interessava deixava passar não, não me esforçava se quer , não estudava mesmo. (Arthur, 20 anos, 2 retenções).

“Pá eu, eu não chumbei assim pela matéria eu era mais, mais faltava mais vezes, ya, o problema era mesmo esse”. (Rodrigo, 19 anos, 1 retenção)

“...não, (não valeu a pena) porque senão já tinha acabado a escola há mais tempo. Atrasou-me.” (César, 20 anos, 2 retenções)

3.7. Modos de evitar a retenção

Relativamente a este último tópico, os conselhos que os entrevistados indicam são: encontrar os objetivos/interesses; gerir o tempo (dividir o tempo para estudar e o tempo para o lazer); refletir sobre o que realmente se quer fazer, ouvir os mais velhos e a mais referida não desistir da escola.

Para finalizar, foi pedido a cada um dos entrevistados que deixassem uma mensagem para alunos que estejam ou possam vir a passar por uma reprovação. É de salientar que todas as mensagens de alguma forma tem o cariz de incentivar e motivar, mas existe uma que merece ser destacada.

“... Todo o mundo erra, e é normal isso acontecer, porque ninguém é perfeito, umas pessoas podem ser boas numa coisa e as outras noutra coisa. Então não desanimem, não devem desanimar porque isso aconteceu, (a reprovação) devem só pensar no futuro, concentrem-se no vosso objetivo e sejam felizes”.(Márcia, 18 anos, 1 retenção).

Conclusão

Tendo em conta a questão com que começo esta dissertação: Quais as causas e os efeitos da retenção escolar em alunos que já repetiram anos de escolaridade?, posso referir que cheguei às seguintes conclusões: as causas da retenção evocadas pelos entrevistados para o insucesso escolar são internas e externas, ou seja, existem realmente razões em que é o próprio aluno que não tem interesse na Escola, está desmotivado e não estuda e razões atribuídas principalmente às mudanças de país ou à má influência dos colegas.

Os efeitos da retenção que os inquiridos mais referem é a questão de ficarem um ou mais anos na Escola, enquanto os colegas/amigos seguem o seu percurso escolar, o outro efeito tem a ver com a alteração da mentalidade do aluno perante a Escola, apesar de existirem alunos que reprovam um ano e logo a seguir voltam a repeti-lo, a grande maioria refere que fez um esforço para não voltar a reprovar mais nenhum ano.

A reação da família perante a retenção não é fácil de lidar porque nenhum pai quer que o filho não seja bem-sucedido. No entanto, os pais apoiam os seus filhos e grande parte procura inscrevê-los em centros de explicações quando existe essa possibilidade. Grande parte dos entrevistados referem ter tido uma boa relação com os professores, mas salientam que existem professores menos pacientes e que deviam conversar mais com os alunos, de maneira a perceberem o que é que se passa na vida dos mesmos. A turma também é uma causa para as distrações, brincadeiras e conseqüentemente motiva a ocorrência de insucesso escolar. Os sentimentos experimentados no momento da retenção podem variar, no entanto, a tristeza, a raiva e a desilusão são os mais frequentes.

Foi, ainda, solicitado aos entrevistados que aconselhassem alunos em risco de reprovar, que de certa forma “ajude” a prevenir a retenção, ao que mencionaram: fazer uma melhor gestão do tempo de estudo com o tempo livre; descobrir e traçar objetivos; ouvir os mais velhos e para não desistirem da Escola. Praticamente todos os entrevistados referiram que pretendiam concluir o 12.º ano de escolaridade.

Esta dissertação vai ao encontro da investigação da autora Berta Belo uma vez que existem bastantes pontos em comum. Ambas as investigações procuraram dar voz aos alunos com o intuito de conhecer como interpretam estes alunos que sofreram a retenção escolar essa situação, e concluem que os alunos atribuem a si próprios a causa da retenção; referem que o comportamento da turma influencia o insucesso

escolar; que o papel do professor no acompanhamento dos seus alunos também é diferenciador e que o apoio dos pais é fundamental para o ânimo dos alunos. Este trabalho final de Mestrado pode apresentar limitações no sentido de a amostra ser reduzida. Ficam em aberto algumas pistas para uma futura investigação, por exemplo, perceber o estatuto socioeconómico das famílias; compreender se a escolaridade dos pais tem, ou não, uma grande implicação no futuro escolar dos seus filhos atualmente. No entanto, acho que o propósito do trabalho desenvolvido foi cumprido uma vez que foi dada resposta à questão de partida.

Bibliografia

Abrantes, P.(2010). *Tendências e controvérsias em sociologia da educação*. Interação e indisciplina na escola.(Capítulo 6). 159-171.

Belo, B. (2010). *Os processos de produção do Insucesso Escolar: O ponto de vista dos alunos*, Tese de Mestrado, Educação e Sociedade do ISCTE-IUL, Lisboa.

Costa, A. (1999). *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta. 9-10

Cursos EFA a, b ou c. Recuperado de <https://aegp.edu.pt/aluno/2020/05/24/educacao-e-formacao-de-adultos/>

Duarte, R. (2016). *O efeito da reprovação na motivação dos alunos*. Tese de Mestrado de Especialização em Administração das Organizações Educativas do ESE, Porto.

Gomes, C. (1987). A interação seletiva na Escola de Massas. *Sociologia, problemas e práticas*. (3), 35-4.

Lahire, B. (2008). *Sucesso escolar nos meios populares*. O ponto de vista do conhecimento (1) 17-31

Lemos, E. (1991). *A construção social da educação escolar*. Edições Asa.

Observatório da Juventude. Recuperado de <https://www.opj.ics.ulisboa.pt/observatorio/>.

Rebelo, J. (2009). Efeitos da retenção escolar, segundo os estudos científicos, e orientações para uma intervenção eficaz. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Universidade de Coimbra. (43), 27-52.

Roazzi, A, Almeida, L. (1988). *Insucesso Escolar: Insucesso do aluno ou Insucesso do Sistema Escolar*. *Revista Portuguesa de Educação*. (nº2), 53-60. Universidade do Minho

Rosa, B. (2013). *Causas de abandono e insucesso escolar. Comparação entre a Realidade Açoriana e Continental*, Tese de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Seabra, T. (2009). Desigualdades escolares e desigualdades sociais. *Sociologia, problemas e práticas*. (nº 59), 75-101.

Seabra, T. (2010) *.Adaptação e Adversidade. O desempenho escolar dos alunos de origem indiana e cabo- verdiana.* ICS. Lisboa

Seabra & outros (2017). *A diferença que a escola pode fazer: o sucesso escolar no concelho de Almada (4.º e 6.º ano).* (Capítulo 3) 60-74. Relatório final. CIES-IUL. Lisboa

Anexos

Anexo 1

GUIÃO DE ENTREVISTA

Apresentação

Sou estudante de uma universidade e preciso fazer um trabalho de fim de curso. Preciso saber o que os alunos pensam sobre a escola e as dificuldades que têm. Agradeço muito a tua colaboração. Sem a vossa participação não consigo acabar este curso. O teu nome não vai aparecer em lado nenhum do trabalho. Só eu sei que foste tu. Podes estar à vontade para dizeres o que pensas, é disso que eu preciso.

1. Percurso escolar

Como foi a escolaridade

Quantos anos tiveste na escola? (desde a primária até à atualidade)
Em que ano é que reprovaste-te?
Quando não percebes a matéria o que fazes?
Costumas estudar ou não?

Como avalia a(s) escola(s) que frequentou

De que escola gostaste mais? E menos? Porquê?
O que aprendeste e nunca te esqueceu?
O que mais gostas de aprender?
O que gostas menos?
Falta alguma coisa na tua escola ou não? (Qual?)

A relação com os professores

Gostas dos teus professores ou não?
Tens algum de que tivesses gostado muito? Porquê?
E detestado? Porquê?
Achas que os professores se preocupam em que tu passes de ano ou não?

A relação com os colegas

Gostas da turma onde estás inserido?
Como te dás com os teus colegas?

2. Os apoios às dificuldades (escola e família)

Tens apoios por parte da escola ou não? (Quais)
E fora da escola? Alguém te ajuda?

3. A importância da escola

Achas importante que a escola exista ou não? Para quê?
Gostaste sempre de estudar ou não?
Que disciplina(s) achas mais importantes? Porquê?
Gostavas de estudar até quando? E a tua família?

4. As razões da(s) reprovação (ões)

O que achas que não correu bem para não passares de ano?
O que sentiste quando reprovaste?
O que te custou mais?
Valeu a pena teres reprovado ou não?
Tens alguma mensagem a dar aos teus colegas que estão quase a reprovar?

Anexo 2

Nome (Fictício):Madalena

Idade: 37 anos

Ano da retenção: 7ºano

Quando não percebia a matéria o que fazia?

“Eu era muito tímida, não colocava dúvidas na aula”.

E quanto ao estudo?

“Ao estudo, também não me aplicava muito, estudava alguma coisa. Estudava antes dos testes...Também tinha explicações o que ajudou bastante, fora da escola...o que ajudava bastante porque não era muito atenta nas aulas, distraia-me com facilidade”.

Que escola frequentou?

“A escola onde eu reprovei foi na Gurlgan”. “Quando eu reprovei neste ano tinha feito a transição de uma escola para a outra. Eu moro numa vila pequena, andava aí na escola, e depois a minha mãe decidiu mudar-me, porque nessa escola (gurlgan) tinha uma tia que era professora, para estar mais acompanhada. E foi quando isso aconteceu, foi o ano em que eu chumbei”

O que aprendeu durante a escola e nunca esqueceu?

“Ah...pode não ser nesse ano? (entrevistadora: Sim, pode não ser no ano em que reprovou) Então, é assim, não me lembro muito bem, mas daquilo que eu me lembro mais é a história que eu tive no 10.º, foi em história de arte, porque o professor era diferente, levava-nos a sair da escola, e depois leva-nos a igrejas que nos passávamos todos os dias e contava-nos histórias e curiosidades, daquela, daquele sítio e acho que isso despertava maior interesse, era mais dinâmico nas suas aulas”.

O que mais gostava de aprender?

“A que eu tinha mais facilidade em aprender era inglês, porque andei fora da escola num Instituto e isso ajudou bastante”.

E a que menos gostou?

“Era matemática (risos)”.

Durante o seu percurso escolar, e mesmo no ano que reprovou, na sua opinião as escolas tinham boas condições para ter um bom aproveitamento escolar?

“Na minha altura, na minha altura, prontos não apanhei sempre a internet nas escolas... No Secundária, sim... (entrevistadora: mesmo no ano que reprovou, sentia-se apoiada no sentido de ter os materiais) Sim, sim sempre tive apoio e da parte dos diretores turma, sempre foram muito preocupados”.

Gostava de todos os seus professores?

“Sim, nunca tive nenhum problema com nenhum professor”.

Acha que os professores se preocupam se o aluno passa ou não de ano?

“Eu, eu senti que havia essa preocupação. Mesmo a falar com os pais, com os encarregados de educação, existia essa preocupação... Também estava numa fase de rebeldia, porque estava revoltada, por ter mudado de escola, por não estar com os meus amigos, também faltava...teve vários fatores, mas os professores não falharam, sempre tiveram atentos, e prontos é aquelas coisas fases da vida, acho que foi mesma alheio à escola. Foi da minha parte mesmo”.

Em relação aos colegas sente que estava inserida?

“Ah...Prontos nesse ano, mudei de turma e estava numa turma, não me dava muito com os colegas quando reprovei...Prontos a turma onde eu estava (antes de reprovar) era boa a outra já era um pouco mais irrequieta”

Sentia apoio por parte dos colegas?

“Como eu era de fora, ah, os amigos que eu fazia não eram mesmo dentro da turma, fiquei com as amigas fora da turma... Mas nunca me trataram mal, o ambiente em sala de aula era bom”.

Relativamente, aos apoios, já me referiu que teve apoios fora da escola?

“Sim, explicações. Eu também, acho que cheguei a ter apoios dentro da escola, que eram as tardes que não tínhamos aulas...às quartas-feiras tínhamos apoios na escola também... Mas o que diferenciava era que fora da escola eu estava sozinha com a explicadora ou o explicador e tinha que me manter atenta à explicação e eu acho que é melhor, prontos quando está uma pessoa dedicada só a um é mais fácil e a pessoa tem que estar ali atenta à explicadora, é diferente”.

Que importância atribui à escola?

“A escola é importante não é, é lá que aprendemos a ler, a escrever que é das coisa mais importantes e só que o que eu acho é que nós às vezes não temos a maturidade suficiente para perceber o quanto a escola é importante e isso não se pode inculir a ninguém à alguns miúdos são mais, sabem o que querem e outros não, mas a escola é importante, claro que é só que, por exemplo, no meu caso acho que a falta de ambição do meu futuro não saber aquilo que queria não tinha definido foi o que me fez desistir da escola”.

Acha que a reprovação afetou a sua atitude perante a escola?

“Não porque tinha a noção que fui eu, que a culpa foi minha, não da escola não me senti desvalorizada”.

Que disciplinas acha mais importantes? E porquê?

“Acho que uma das disciplinas muito importante a ter que eu não tinha na altura não é sei agora acho que tem (porque eu tenho um filho e acho que tem essa disciplina ele tem tantas) e portanto é a cidadania e profissionalismo, acho que é importante também falar sobre coisas, com a tolerância, o preconceito e essas coisas, acho que é muito importante também, fora as outras disciplinas, que vão nos ajudar no futuro. A informática agora também é bastante importante. O português, o inglês, agora assim não sei mais”.

Quanto ao gostar de estudar a sua família sempre a apoiou?

“Sim, sim sempre e preocupação”.

Quando repetiu, qual foi a atitude dos seus pais?

“Não me lembro bem, mas provavelmente devo ter ficado de castigo, já não sei. Mas houve uma preocupação maior, portanto puseram-me nas explicações fora da escola”.

O que é que acha que não correu tão bem para ter reprovado?

“Eu acho que o fator não foi bem a escola foi mais os problemas alheios, a mudança de escola, acho que foi isso mesmo que impulsionou a minha reprovação”.

E o que sentiu ao ter reprovado?

“Fiquei triste não é, vesse os colegas a passar de ano e nós ficamos para trás”.

Valeu a pena ter reprovado?

“Não sei, às vezes, não sei se também é justo porque alguns não tem tantas capacidades como outros alunos...não é equilibrado, porque uns tem mais capacidades que outros, prontos nem sempre é justo acho eu. Às vezes é justo porque não se quer estudar, não quer trabalhar, mas às vezes, eu acho que os professores também têm em conta o trabalho do aluno mesmo com dificuldades para ultrapassar, mas eu acho que devesse avaliar que cada caso é um caso, não sei”.

Tens alguma mensagem que queira transmitir a alunos que estejam em risco de reprovarem o ano?

“Para se aplicarem porque estão a trabalhar no futuro deles. E que à tempo para tudo, para brincar, para estudar é o futuro deles, não é para os professores que eles vão passar é para eles próprios, mas às vezes é difícil explicar às vezes para as crianças que nós só queremos o melhor para elas”.

Nome (Fictício): César

Idade: 20 anos

Ano da reprovação: 3º Ano e 7º Ano

Quando tu não percebia a matéria o que fazia?

“Pedia só para repetir.”

Como era a tua relação com os professores?

“Repetiam por acaso eram bons professores, repetiam, ya. Mas no 9º ano, ya, porque também era um pouco abusado ”

Nos anos que reprovaste sentia apoio por parte dos professores?

“Sim, no 3º ano não foi aquele chumbar, chumbar, porque eu ia morar fora... só que tive de repetir mais um ano, no 7º ano é que chumbei mesmo a sério”.

Quando mudaste de país sentiste essa mudança?

“Eu não cheguei a estudar lá muito tempo, como é que eu vou dizer, eu acho que foi tipo 2 meses, que foi na França, ya. Com a língua, ya esquece. Então tive de voltar para Portugal”.

Uma lembrança da escola que nunca esqueces?

“E tanta coisa. Aquele que me marcou mais... Mas matéria? (Entrevistadora: Sim algo que tenhas gostado de aprender?) Acho que foi o Português. É pá agora também não me estou a lembrar bem. Acho que não tenho assim algo que me tivesse marcado por acaso.”

Então uma que te tenha marcado pela negativa?

“Ah, então foi a stora ter me chumbado.”

O que sentiste ao teres chumbado?

“Na tipo, ó pá senti-me tipo fogo porque logo eu que chumbei, porque na turma havia tipo os quatro mal comportados e eu estava incluído, e três destes passaram e eu é que fiquei para trás, e eu fiquei tipo fogo, logo eu”.

Nas escolas em que andaste sentia que tinham boas condições para obteres um bom aproveitamento escolar?

“Sim, nunca, nunca faltou nada”.

Em relação aos professores sempre gostaste de todos os teus professores? Sempre te sentiste apoiado?

“O professor de física. Mas no 7º ano. Ya o stor de física. Mas eu ter reprovado não foi por culpa deles, foi de mim do meu comportamento, faltas, ya a culpa foi minha. Sim os professores diziam atina-te, não sei que não sei que, mas olha não atinei ”.

E um professor de tu não gostasse?

“Talvez o stor de física. Não tínhamos uma química boa”.

Em relação à turma sentia-te incluído?

“Sim, era tranquilo, dava-me bem com os meus colegas”.

Tinha apoio por parte da tua família?

“Sim, sempre”.

E fora da escola?

“Não, não a minha mãe meteu-me um ano (na explicação) só mas também não gostei por isso sai, tipo tirava-me o dia”.

Acha importante que a escola exista?

“Acho, sem escola eu não sabia ler nem escrever. Fogo muita coisa, sem escola iria existir muitas pessoas que não iram saber fazer nada, sem escola...”.

O que sentiste quando reprovaste?

“Pá medo, da reação da minha cota. (Entrevistadora: Então qual foi a reação?) É minha mãe, ela gritou comigo, ya, zangou, e depois passou. Fiquei bué triste fogo, fiquei tipo a pensar até agora fogo chumbei no 7ºano foi isso”.

Valeu a pena teres reprovado?

“Não, porque se não já tinha acabado a escola à mais tempo. Atrasou-me”.

Que mensagem gostaria de deixar a outros alunos que estejam em risco de reprovar?

“Olha, alunos, se estão com problemas falem com os professores que eles ajudam, ya só isso não tenho muito a dizer”.

Nome (Fictício): Érica

Idade: 21

Ano da retenção: 7.º ano

Quando não percebes a matéria, o que é que fazes?

“Prontos, sou um pouco distraída às vezes, eu não perguntava. E pronto fica só para mim mesma, fica por ali”.

E quanto ao estudo, como é que achas que era o teu estudo?

“Sou uma pessoa que, por acaso em casa não estuda muito e só quando era testes ou algo do género ou assim é que eu lia algumas coisas, sim”.

Sempre tiveste a mesma escola?

“Não, não, não ”

Gostaste de todas as escolas onde andaste?

“Sim, sim, gostei de todas”.

Qual é a tua melhor lembrança na escola?

“Eu era mais uma pessoa de desporto em si, pronto, eu levava mais em consideração a turma, o ambiente, em si, a matéria pronto... (Entrevistadora: Disciplina que tu mais gostava) Por acaso até gostava de língua portuguesa, sim (Entrevistadora: e a que menos gostava). Matemática”.

Achas que todas as escolas por onde andaste tinham boas condições para um bom aproveitamento?

“Sim, sim tudo...sim, sim tinha...sim, sim eram boas escolas”.

A relação com os teus professores era boa?

“Sempre foram boas.(Entrevistadora: Mesmo no ano em que reprovaste te?) Sim, eu também distraia-me bastante por causa dos colegas, porque era suposto, quando eu estava no 6.º, era suposto eu ter ido para a Alemanha, mas depois acabei por mudar de novo de escola e pronto foi nesse ano que eu reprovei”. “Nunca tive nenhum problema com professores ou colegas”.

Quanto à família sentiste sempre apoiada pelos teus familiares?

“Sim, eles sempre me apoiaram e até hoje também”.

Mesmo no ano que reprovaste te?

“Exato. Eu por acaso tive... a minha antiga professora da primária, acabei por ter explicações com ela, mais tarde e também estive no centro de explicações, mas não estive por muito tempo”. “Os meus pais sempre me apoiaram, eu é que dizia sempre que não era preciso”.

A escola é importante? Porquê?

“Sim, acho que é importante para o meu futuro prontos, para ter uma vida melhor, dá mais oportunidades...(entrevistadora: se a escola não existisse como é que achas que era a vida dos cidadãos?) Não sei, pronto mais vezes dizemos que aquilo que aplicamos na escola as coisas não servem de algo jeito para a nossa vida pessoal, mas também aprendemos muita coisa na escola, que faz realmente a diferença em alguns trabalhos”.

Achas que a reprovação afetou a tua atitude perante a escola?

“Não, a meu ver continuou praticamente a mesma coisa. Eu acho que foi mais a distração com os colegas, e portanto não tive nada assim tanto....Nunca quis desistir da escola por causa da reprovação, nunca me passou pela cabeça”.

Expectativas para o futuro?

“Quero acabar o secundário e futuramente devo ir para a faculdade e não sei exatamente o que eu vou tirar”.

O que achas que não correu bem para teres reprovado?

“Foi como eu diz, distração e não ter prestado, pronto, atenção, não ter estudado e é isso”.

O que é que sentiste ao teres reprovado?

“Pronto de algum jeito fiquei triste e de algum jeito também pensei que isso me fez com que eu tivesse de voltar para a Alemanha para ficar lá”.

Achas que valeu a pena teres reprovado?

“Acho que nunca vale a pena reprovar. (Entrevistadora: Existiu algo de bom, seja melhoraste as notas, o comportamento?) Não, acho que foi uma perda de tempo, sinto que eu perdi um ano a brincar”.

Que mensagem gostaria de deixar a quem esteja a passar por uma reprovação?

“Pronto que têm tempo que são coisas que infelizmente acontecem, por vários motivos e que pronto poderem sempre melhorar isso e voltarem a repetir o ano apesar de não sei algo que toda a gente queira ter de passar pela mesma coisa, dá sempre para melhorar e tomar isso como um aprendizado”.

Nome (Fictício):Tomás

Idade: 20 anos

Anos das retenções: 6ºano e 7ºano

Quando tu não percebia a matéria o que é que fazias?

“Eu ponha a mão no ar. E pedia ao stor para explicar mas o problema não era o stor era eu, eu é que não, não me importava muito com a escola”.

Nem com o estudo em si?

“uh uh, eu não estudava de todo”.

Mudaste de escola muitas vezes ?

“Não, no 4º ano eu mudei de escola, quando cheguei ao 9º ano mudei de escola de novo, depois eu estava...(ou seja nos anos da reprovação nunca mudaste de escola?) Nunca, nunca mantive-me sempre na mesma”.

Qual foi a aprendizagem que tu tiveste na escola que nunca te esqueces?

“Bem matéria, matéria não me lembro bem mas as disciplinas foi mais educação física, matemática, português e inglês”.

Que disciplinas menos gostaste?

“Geografia, uh uh, acho que de todos era mesmo geografia. Acho que não era da disciplina em si, mas por causa da stora que dava a disciplina então pronto”.

Achas que a escola tinha condições para teres um bom aproveitamento escolar?

“Sim, sim a escola tinha biblioteca dela tinha os computadores, livros, internet, tinha isso tudo...às vezes por exemplo nos computadores haviam turmas que podia marcar os computadores então havia vezes que os computadores não estavam não estavam limpos então não dava”.

A tua relação com os professores era boa?

“Acho que era mesmo aluno e professor, acho que até hoje só tive um professor que eu me dei mesmo, mesmo bem foi nessa escola, mas de resto era Olá, Adeus, perguntas na aula e só”(não te sentia apoiado por eles) “não eu acho que sentia que eles só queriam dar a matéria e era isso”.

Mas os professores esclarecem as dúvidas?

“Uma coisa é assim os professores dizem sempre que se for preciso explicar eu explico mais que uma vez, uma, duas, três, mas neste caso para mim era mentira, ele explicava uma vez e se eu não entendesse ou algo do género ele diz que tivesse prestado atenção, ao algo do género. Mas nem todos são assim, existem professores que queriam mesmo ajudar, ajudavam mesmo, mas alguns simplesmente só estavam lá para dar a matéria e pronto era isso”.

Achas que os professores se preocupam se um aluno para ou reprova?

“Alguns, sim alguns preocupam-se. Nos anos em que eu reprovei não houve algum stor, eles às vezes perguntavam-me como é que eu ia em outras disciplinas, mas eu acho que eles perguntavam mesmo só para saber, não para dar alguma ajuda em especial, era mesmo só para saber como é que eu ia nas outras disciplinas. Estão nesses dois anos eles não se preocupavam se eu chumbava ou não”.

Como era a relação com os teus colegas?

“Sempre, em todas as turmas que eu tive, sempre me dei bem com os meus colegas, sempre, sempre, sempre”.

Tiveste apoio por parte dos teus familiares?

“Em casa, a minha mãe dizia para o próximo ano tentas e tentas não faltar, ela ajudava”.

E fora da escola tinha algum tipo de ajuda?

“Eu acho que não, porque eu não pedia ajuda aos meus amigos em situações assim eu lido sempre tudo sozinho tudo”.

Que importância tu atribuis à escola?

“Bem, eu acho que é importante, mas também não é tão importante como as pessoas põem no nome da escola, é importante claro, mas a escola nem sempre ensina tudo, a escola foca numa coisa e não explora outra, a escola não vai me ensinar a ter melhor educação, às vezes à stores que tentam ajudar mas a escola em si não se foca muito na educação, como se ganha dinheiro, como ser... (Entrevistadora: então o que é que tu achas que a escola poderia melhorar a esse respeito?). Bem acho que a escola podia ajudar um pouco mais os alunos vá à alunos que são indisciplinados, acho que a escola às vezes podia procurar saber o que é que se passa tipo, não a escola em si, mas se calhar os professores da turma, o que é que se passa com o aluno, tentar falar com o aluno.” (Entrevistadora: Isso existia na tua turma?) “Eu acho que não, acho que a única coisa que existiu foi, não sei se chamava terapia da fala, era pessoas que vinham à pouco tempo de outros países e tinham dificuldade em falar português, aí existia ajuda”. (Entrevistadora: A escola proporciona o quê então?) “Eu acho que a escola devia abrir um pouco mais ao mundo e não só focar em disciplinas, vá em português aprendemos a gramática e mais algumas coisas, pronomes e isso tudo, matemática é simples, mas eu acho que deviam abrir um pouco mais ao mundo do trabalho para ajudar os alunos a como se deve agir num trabalho porque hoje em dia só querem pessoas já como experiência e pessoas que não tenham trabalhado antes não tem muita experiência, então a escola acho que devia ajudar nesse aspeto, um pouco mais nesse aspeto” (Entrevistadora: mas a escola é importante?) “É, é, é porque sem a escola provavelmente não existiria muitos médicos, cientistas, coisas assim importantes que aprendes na escola e não fora da escola então, esse é um aspeto importante da escola, precisas mesmo da escola para aprender esses tópicos”.

Achas que a reprovação afetou a tua atitude perante a escola?

“Sim, porque eu, vá, eu não quis reprovar de novo, mas quando eu reprovei de novo no 7º foi pela mesma razão que eu reprovei no 6º, eu não me importava com a escola, eu ainda era novo mas vá eu queria viver a vida, sempre tive a mentalidade de aproveitar sempre a vida, sem me chatear muito, então quando eu recebia uma negativa no teste eu simplesmente não queria saber, dizia pronto mais uma negativa, havia colegas meus que até choravam, mas eu ficava só na minha, não me importava muito com a negativa. Se eu tivesse positiva também não me importava e era isso era falta de interesse”.

Que disciplinas é que consideras que são essenciais?

“Matemática e ciências. Porque hoje em dia quase tudo é envolvido com matemática, quase tudo mesmo, física, química tem matemática, eletricidade, eletrónica tem matemática, eu acho que quase tudo no mundo tem números, então eu acho que matemática é importante”.

O que achas que não correu bem para tu teres reprovado?

“Acho que a culpa foi mesmo toda minha, eu não me importava o suficiente pela escola, queria viver e...” (Entrevistadora: e como é que tu achas que podias mudar isso?) “era ter prestado mais atenção e não ter falado muito e quer saber realmente da escola e das aulas nessa altura”.

O que sentiste por teres reprovado?

“Bem eu quando reprovei, quando vi que tinha reprovado, mais uma vez eu não me importei, eu claro que eu não queria reprovar no ano seguinte (7.º ano) mas eu não me importei porque o verão estava logo à porta e pronto eu vou me divertir e é isso não vou me importar muito porque ter reprovado próximo é ano novo, vida nova tentar melhorar e é isso”.

Achas que valeu a pena teres reprovado?

“Sim, sim porque com esses dois anos que eu reprovei, conheci pessoas novas, amizades novas, tive outros momentos, dentro da turma e fora da turma... Claro que eu perdi anos escolares mas, no entanto, houve coisas boas que aconteceram e então não acho que tenha sido uma total perda de tempo”.

Expetativas para futuro?

“Quero acabar a escola o 12º ano agora, e depois vou estar a trabalhar de novo para juntar dinheiro, se eu conseguir junto dinheiro para um curso que eu quero fazer na Dinamarca e se der eu vou se não der eu quero tirar um curso no exército de detetive”.

Que mensagem gostaria de deixar as pessoas que estejam em risco de não passar de ano?

“A minha mensagem é não reprovem, tentem sempre o vosso melhor, eu sei que muitos querem passar de ano para não perder tempo da vida na escola, porque provavelmente muitos não querem estar na escola então mais vale acabar rápido, para saírem rápido e seguirem em frente com a vossa vida e tentar sempre ao máximo”.

Nome (Fictício): Rodrigo

Idade: 19 anos

Ano da retenção: 5ºano

Quando não percebias a matéria o que é que fazias?

“Pá eu, eu não chumbei assim pela matéria eu era mais, mais faltava mais vezes, ya, o problema era mesmo esse”.

Mas estudava com regularidade?

“Não, não estudava, nunca estudei por acaso. (Entrevistadora: nem mesmo para os testes?) Não, não, apanhava coisa assim na aula”.

Lembrança boa na escola?

“Curtia, mais quando entendia a matéria da matemática. Eu sou uma pessoa muito competitiva então, também era sempre fixe tipo, quando era competição assim com outros colegas em quem respondia certas cenas e quem não respondia, isso ya não dá para esquecer”.

Disciplina que tu mais gostava e a que menos gostava?

“A que mais gostava sinceramente era todas as que percebe-se que me desse bem, não havia nenhuma que eu me chama-se à atenção, se eu entendesse já era boa. Português, não, não inglês, ya. Era Português (então gostava ou não de português) depende das storas, ya, depende das storas, por exemplo no 5º não gosta muito por causa da stora mesmo”.

A escola tinha condições para tu aprenderes?

“Sim”.

Como é que era a tua relação com os professores?

“Chamavam-me sempre à atenção, às vezes, mesmo quando não era preciso basta chama-me à atenção e isso eu não gosto. E eu não gosto muito”. Era uma só.

Achas que os professores se preocupam se um aluno reprova ou não?

“É pá naquele tempo não, mas era sim, preocupam-se mais, mas naquele tempo não”.

Como era a tua relação com os colegas, sentias-te inserido na turma?

“Ah, sempre foi sempre boa. Em relação a estudos sentia-me apoiado por parte das meninas. Mas de resto nos intervalo e tipo e as cenas para divertir era com os rapazes”.

Durante as aulas nunca sentiste algum tipo de exclusão?

“Não, só quando os stores escolhiam os grupos, quando havia trabalhos em grupo, escolhia mal as pessoas, eram as que menos me dava, não dava muito jeito (risos). Fazia o trabalho sem vontade”.

O ambiente da turma era bom?

“Era (mesmo para a aprendizagem?) sim”.

Sempre sentiste apoio por parte dos teus familiares?

“Sim”.

Apoios?

“Não, nunca tive, mas sinceramente acho que me ia dar jeito se tivesse na altura”.

Que importância tu atribuis à escola?

“Para acabar o 12º ano dá sempre jeito nos empregos e assim, do resto não lhe sei dizer. É pá ganhamos sempre mais conhecimento é isso ya”.

Achas que a reprovação afetou a tua atitude perante a escola?

“Bué, logo no inicio do ano já não dava vontade de ir à escola porque prontos ter aulas com pessoas mais novas, não ia me enquadrar, mas foi no inicio depois consegui dar a volta, mas fiquei muito desanimado”.

Que disciplinas mais que são fundamentais?

“Eu não queria dizer o inglês, porque o inglês também dá para aprender mesmo fora da escola, por exemplo (Entrevistadora: eu digo mesmo na escola) Físico- Química, matemática, ciências, sim. Acho que serem muito importantes é muito forte de dizer, mas acho importantes. (Entrevistadora:Porquê?) Porque, não sei, chega a dar jeito quando se é mais velho, e depende do emprego também”.

O que é que achas que não correu tão bem para teres reprovado?

“Foi faltar mesmo, são demasiadas faltas tempos que eu deixava de ir à escola ya”.

O que sentiste quando reprovaste?

“Basicamente também já devia estar à espera não é, mas prontos fiquei só desamimado”.

O que custou mais de teres reprovado o ano?

“Voltar a dar as mesmas coisas, depois também não iria curtir... estava a ver os meus antigos colegas assim a irem para a frente e eu não ya”.

Achas que valeu a pena teres reprovado?

“Não, mas talvez ia mais às aulas, evitava faltar. Talvez tenta-se convencer a minha mãe a inscrever-me num apoio ou assim, nas disciplinas que tinha mais dificuldade mas...”.

Expetativas para futuro?

“Acabar o 12.º ano e tirar a carta e depois vou para o Luxemburgo viver”.

Que mensagem gostaria de deixar as pessoas que estejam a passar por uma reprovação ou em risco de reprovar de ano?

“Se for em relação a faltas, eu diria para evitarem faltar mas quando se é criança não se escuta muito os mais velhos, porque falam demasiado e etc... Não diria para se focarem nos estudos porque já muita gente diz, a partir do momento, não sei, não sei...”.

Nome (Fictício): Rui

Idade: 35 anos

Anos das retenções: 5.º e 7ºano

Quando não percebia a matéria o que fazias?

“Normalmente não dizia nada, não pedia ajuda”.

E costumavas estudar com regularidade?

“Ah! Sim, mas quando eu vim de Angola era muito difícil porque os estudos eram completamente diferentes. (o método era diferente em relação a Portugal porque foi difícil a tua adaptação)”.

Nas escolas em que tu andaste sentiste que havia condições para teres um bom aproveitamento escolar?

“Não, porque eu sempre fui muito envergonhado e, e tinha dificuldades e não perguntava (e a escola em si? Tanto lá como cá) Sim, tinha condições... ah lá não...lá não havia (queres explicar um pouco?) porque muitas das vezes não tínhamos nem sala para ter aulas e sentamo-nos em pedras, não tínhamos carteiras, escrevíamos no colo (e cá?) Sim, as condições já eram diferentes (lá eras apoiado pelos professores?) Não, não porque eles tinham 35 alunos, era difícil eles darem atenção”.

Disciplinas que mais gostavas e menos gostavas?

“A que mais gostava era história e a que menos gostava era matemática”.

Como era a tua relação com os professores?

“Sempre foi muito tímido nunca falava muito com os professores, mas com o tempo já ia falando mais, mas não, não era por aí além. (mas sentia apoio?) “Sim, sim”.

Sentias-te inserido na turma?

“Não, porque quando eu vim para cá, não sei se foi a zona que eu fui viver que foi para aqueles lados de Leiria, Peniche não sei, mas acho que não estavam muito habituados a pessoas africanas e sentia um bocadinho de Bullying, parecia que era separado da turma, isso desmotivava”.

Sentias apoio por parte da tua família?

"A minha mãe passava mais tempo a trabalhar, só vivi com ela, o apoio não era muito. (Mas apoio-te ?) Não, não".

Que importância atribuis à escola?

"Acho que a escola é importante para nos instruir, para o trabalho, para sabermos mais sobre as coisas, não é, só que às vezes não se consegue tudo na escola. (o que é que achas que falta então na escola?) Talvez os professores falemos um bocadinho mais com os alunos sobre o que se passa fora da escola, para tentarem compreender melhor os alunos, por que a falta de aproveitamento e o abandono escolar".

Achas que a reprovação afetou a tua atitude perante a escola?

"Talvez, não, mas desmotivou-me. (mas nunca pensaste em desistir da escola por causa da reprovação?) Não".

Que disciplinas achas importante a escola manter?

"O português, história, ciências e ...cidadania, porque acho que são as bases, para nós, para o nosso dia-a-dia convivermos com as outras pessoas".

O que achas que não correu tão bem para reprovares de ano?

"Acho que o que não correu tão bem foi o início da minha, do meu trajeto escola de Angola para aqui. Todo o início o primário e a integração também não foi, acho que não foi muito bem acompanhada aqui para as escolas de Portugal".

O que sentiste quando reprovaste?

"Para além de desmotivado, triste comigo porque podia ter me esforçado mais (o que mudarias?) Talvez não desistisse logo no princípio".

O que te custou mais?

"O que me custou mais, o que me custou mais foi não ter voltado, acho que podia ter voltado não devia ter desistido".

Expectativas para futuro?

"Para já acabar o 12º ano e depois talvez fazer mais alguma coisa, ainda não sei o que, mas não pretendo desistir".

Valeu a pena ter reprovado?

"Por parte de tudo o que acontece de mal tirasse sempre a parte boa, talvez mais tarde possa motivar outras pessoas a não desistirem".

Que mensagem gostaria de deixar a pessoas que estejam a passar por uma reprovação ou em risco de reprovar?

"Acho que se desistirem é muito mais difícil entrar no mercado de trabalho, é sempre mais difícil, ter um futuro sem estudos é cada vez mais importante e ter força de vontade em continuar por mais que pareça difícil, acho que é muito mais difícil entrar no mercado de trabalho sem estudos do que continuar".

Nome (Fictício): Isabel

Idade: 63 anos

Ano da retenção: 6º ano

Primeiramente, como acha que foi o seu percurso escolar?

"Portanto eu fui uma aluna normal na primária digamos andei numa escola pública naquele tempo, portanto eu tenho 63 anos, portanto já foi à muitos anos, tive o percurso normal, na primário, entretanto foi para o ciclo, foi assim uma mudança que eu lembro-me, foi assim uma mudança brusca, lembro-me da minha mãe inclusivamente me ir levar, porque eu andei na Roque Gameiro, na antiga Roque Gameiro aí na Reboleira o 1º ano (do 2º ciclo) a coisa até correu bem, acho o 2º ano não correu tão bem".

Foi aqui que desistiu da escola?

"Foi, foi não compreendo porque não sei se coincidiu com o nascimento do meu último filho, que tem agora, vai fazer 33 anos, pronto alguma coisa se deve ter passado para eu ter desistido, ou não consegui conciliar com o emprego. (Mas acha que a reprovação teve alguma coisa haver com a sua desistência?) Não, a reprovação foi por faltas, eu excedi o limite de faltas e portanto chumbei, deixei de aparecer, chumbei não sei se teve haver com eu não conseguir conciliar o emprego com a escola altura à noite porque era noturno, tá a ver (então nesta altura já trabalhava?) Ah sim, comecei aos 20 anos a trabalhar, trabalhei 42 anos só entrei em acordo com a empresa o ano passado, estou digamos agora na pré-reforma".

Lembra-se como era o seu método de estudo? Se estudava com regularidade?

“Ah, sim eu sempre foi, a primeira coisa que eu fazia quando chegava a casa era fazer os trabalhos de casa, sempre foi, lembro-me de, de me preparar, eu era uma pessoa de, tinha que para já tinha, é como lhe digo detestava faltar às aulas porque eu era muito de assimilar o que as pessoas diziam na aula, isso para mim já era meio caminha andado para eu depois quando fosse ler, tá a ver, quando eu fosse estudar, pronto sempre foi uma aluna, pronto chegava a casa, fazia os trabalhos (de casa), tentava estudar manter a matéria em dia, e acho que sim foi uma aluna razoável e uma aluna, sim que gostava da escola, sinceramente gostava”.

E o que mais gostou de aprender?

“Está-me a falar em disciplinas... Aqui no liceu... se quer que eu lhe diga fiquei só com memória de uma professora de geologia, eu adorava era ciências é a parte que eu gosto, adorava aquelas aulas pronto de geologia e filosofia, sim era duas aulas e duas professoras, a de filosofia até uma moça nova... (já agora, desculpe, o que é que acha que a estimulava nessas professoras o que é que acha que elas faziam de diferente que a motiva?) Era a forma, era o à vontade, era o à vontade pronto acho que era o tratamento, não nos tratavam como, digamos havia uma maior proximidade connosco, por exemplo, a de filosofia era uma rapariga nova, pronto e era espectacular, deixávamos à vontade dentro do respeito normal, lembro-me perfeitamente que nunca lhe faltá-mos ao respeito, ah e o que me marcou imenso, imenso mas pelo aspeto negativo foi no 12ºano um professor que eu tive de português, um senhor já com uma determinada idade e que eu às vezes tinha que me chamar à atenção dos meus colegas, desde esconderem-se dentro dos armários para assustarem o senhor e o senhor era uma pessoa pronto era uma pessoa nervosa e já tinha a sua idade, bem acho que foi um abuso, isso marcou-me imenso...ainda hoje tenho em mente o senhor em si porque depois no outro dia era uma pessoa, ainda perdoava, era uma pessoa que perdoava que depois dizia aos alunos que tinha estado a falar para a almofada durante a noite e que não ia levantar processos e foi horroroso, mas pelo aspeto positivo eu, as outras eu talvez a maneira como davam as aulas, por exemplo filosofia é sempre aquela disciplina um bocado massuda e eu adorei, adorei tipo e dispensei com média de 15 (valores) porque realmente ela conseguia puxar-nos (e no seu 6º ano o que é que acha que aconteceu?) No meu 6ºano, foi a transição da primária, foi a transição é como eu lhe digo o primeiro ano (do 2º ciclo) a coisa, eu acho que a coisa correu ali rés-vés-campo de ourique mesmo quando cheguei ao 2ºano (no segundo ciclo) não ia bem preparada do ano anterior se calhar até tinha sido preferível eu ter chumbado logo no primeiro, ah e quando cheguei ao 2º ano (segundo ciclo) foi logo as...(descambou)”.

Como era a sua relação com os professores?

“Ai sempre foi ótima, nunca tive problemas nenhuns com os meus professores, sempre tive uma boa relação, pronto na altura ainda era uma pessoa muito tímida, envergonhada, muito introvertida, nunca gostei muito de falar nas aulas, embora gostasse sempre de ficar à frente o que é assim um bocado, mas sempre foi uma boa relação, respeitadora, pronto isso também já vem de casa, mas acho que foi sempre uma boa relação que eu tive com os meus professores. A que eu mais gostava era ginástica, pronto porque eu sempre foi pronto, desporto era aquela que eu mais adorava. A que menos gostava e a que me dava mais dores de cabeça sempre foi matemática, no entanto eu enveredei pela profissão de contabilista tá a ver é um contra senso pronto comecei como secretária de direção durante 10 anos e depois tive de ir estudar para contabilista, por tanto, 32 anos em contabilidade. A matemática sempre foi o meu calcanhar de aquiles, eu não entrei para medicina no antigo 7º complementar porque fiquei pendurada, dispensei a tudo eram cinco disciplinas e fiquei pendurada com a matemática. Fui a exame e isso mas por duas vezes e isso havia duas épocas na altura mas não consegui de todo, portanto foi sempre, e mesmo agora quando foi para entrar para o ISCAL também foi assim um bocado difícil porque tive de ter ali uns 6 meses ali intensivos para conseguir portanto fazer o exame”.

Acha que os professores se preocupam ou não se um aluno reprova?

“Eu acho que eles se preocupam se virem que o aluno durante o percurso letivo, foi um aluno interessado, foi um aluno que mostrou interesse na matéria, fazia trabalhos e isso, eu acho que sim que o professor fica interessado, agora se é aquele tipo de aluno que chega à aula e que não falte, agora se é aquele tipo de aluno que falta que está na aula como se não tivesse na aula, não interage, pronto não dá muito, eu acho que aí se o aluno chumbar acho que o professor, até pode ser, às vezes à aqueles bons miúdos que não conseguem, às vezes um bocadinho mais além, e às vezes pode haver uma certa pena, agora quando um alunos eles vem que tem potencial e isso e se chumba por qualquer motivo, há que averiguar (no seu caso já agora?) Eu acho que tentaram puxar, sim tentaram puxar para ver se eu conseguia, mas eu acho que foi mais, foi algumas, acho que nós só podíamos chumbar a uma ou o que é, e eu devo ter chumbado a três, portanto já era complicado tentavam puxar, tanto que eles davam sempre hipótese de se fazer mais algum trabalho, ou mais um teste extraordinário e isso para ver se conseguimos melhorar a nota, mas não deu, não deu realmente porque era mais que uma disciplina e por muita boa vontade que houvesse não dava”.

Como era a sua relação com os colegas?

“Ah eu lembro-me que sim, no ciclo preparatório era muito embora eu considero-me uma pessoa muito introvertida, muito reservada e isso, acho que sim tive, lembro-me perfeitamente de ter lá de ter feito amizades, que pronto não ficaram para todo o sempre não é, fiz amizades, divertia-me imenso nos intervalos, saltar ao eixo, aquela história toda imenso interagia muito e dava-me sim, sim, sim contrariamente a anos mais tarde que me fechei mais, eu recordo-me que depois aqui no liceu, porque eu andei aqui no liceu foi uma aluna um bocadinho mais fechada, foi mais fechada mas também era uma aluna muito, muito virada para o desporto, eu até pronto era conhecida e mais não sei o que, eu também tive aquelas fases, aquelas fases que nós temos, que dá para brincar, dá para pronto ir a todos, conviver pronto ou depois à aquela fase assim pronto de introspeção. O ambiente escolar era bom, eu gostei imenso de andar na Roque Gameiro (mesmo tendo reprovado?) Mesmo tendo reprovado, não fiquei, fiquei chateada por os meus pais não gostaram muito, era mais por causa da reação dos meus pais mas não fiquei aborrecida, de forma alguma, porque vi que realmente não mereci passar pronto, acho que não me tinha esforçado o suficiente para passar”.

Sempre sentiu apoio por parte da sua família?

“Não, não os meus pais eram pessoas, a minha mãe tirou a 4ª classe já casada e com filhos e nem sei se chegou a tirar, ela disse que não mas eu tenho ideia de ela andar, a tentar tirar a 4ª classe, o meu pai tinha a 4ª classe, portanto eram pessoas com pouca escolaridade. Na primária o meu pai acompanhava-me, se bem com um bocadinho de pouca paciência mas pronto, mas acompanhava-me, depois não tinha conteúdo para me poder acompanhar, portanto eu sempre estive entregue a mim mesma. Não tinham posses para me pagar explicações, na altura, portanto eu, tinha que ser eu por mim, pensar que pronto só estudando é que conseguiria. (mesmo por parte da escola não sentia apoios?) Na altura, acho que não havia, não me recordo de haver essas aulas de apoio, não só muito mais tarde é que eu me recordo de haver essas aulas de apoio. Que foi aqui no liceu, de resto não me recordo. Nem nunca foi, acho que nunca tive necessidade de ir para essas aulas para levantar notas e não sei quê, aqui no liceu, nunca... (nem mesmo quando reprovou?) No ano em que reprovei, não havia, não havia esse tipo de aulas de apoio, não havia mesmo”.

Qual é a importância da escola?

“Eu acho que a escola é essencial, a escola pronto, não é como os pais pensam onde os filhos vão ser educados, se não forem educados em casa se já vierem com bases de casa não é na escola que vão, pronto, porque os professores estão aqui (na escola) para ensinar embora possam dar algumas orientações e isso, mas estão aqui (escola) para ensinar, acho que aliás aquilo que eu transmiti aos meus filhos, acho que hoje em dia sem estudos, mas com estudos já é complicado quando mais sem estudos, e sempre os incentivei a serem os melhores (risos) pronto, a tentarem ser os melhores pronto era isso porque eu sempre lhe dizia que o mundo é dos melhores não é dos medianos e nela (filha) surtiu algum efeito, nele (filho) tive mais problemas, embora pronto ele conseguisse obter, atingir objetivos mas é como eu lhe digo acho que a escola é extremamente importante e quando vejo que os miúdos que não podem ir à escola, por exemplo esse sítios assim que as escolas estão muito quer dizer, acho que devia haver por parte portanto por parte do Estado mais incentivos, mais apoios, a esse tipo de pessoas, não sei acho que é extremamente importante a escola porque aprendesse sempre muito mesmo é como que um empurrão para a nossa vida”.

Sempre gostou de estudar e não foi por causa da reprovação que pensou desistir da escola?

“Não, não de todo porque para já era um objetivo eu sabia que o sonho do meu pai era eu tirar um curso superior, já que eles não tinham conseguido e eu lutava para isso e era sempre uma frustração, foi nesse 2º ano (segundo ciclo) a frustração portanto, comecei em casa a ser espicada e nessa altura um bocado mau porque os meus pais comparavam-me com uma amiga minha que era excelente aluna, eu era, não era uma excelente aluna, era uma aluna mediana eu estudava para passar, tá a ver, para aquele objetivo, a minha amiga era uma boa aluna e os meus pais estavam-me sempre a comparar, o que eu acho péssimo os pais compararem os filhos a outras pessoas, mas pronto eu queria sempre mostrar aos meus pais, principalmente ao meu pai que era capaz e que eu tinha de atingir, por isso é que fui, o que me deitou um bocado abaixo foi o de eu não ter conseguido nesse ano (7ºano) entrar para a faculdade porque aí já não, foi eu lembro-me perfeitamente foi muito mau foi da piores fases que eu tive, foi nessa altura, andei a bater um bocadinho mal sim. Andei a bater mal porque tinha medo depois de dizer ao meu pai que tinha, eu lembro-me que fiz três tentativas de exame e essa minha amiga tinha passado na boa e ia para a faculdade, duas amigas minhas aliás e eu não consegui por causa da matemática. Independentemente de ter feito várias tentativas, só que eles não percebiam que eu precisava de uma ajuda externa, precisava e pronto os pais de antigamente por muito que nos queiram à certas coisas que não entendem como eu entendi em relação aos meus filhos e então pronto não havia, a preocupação do meu pai era que eu chegasse ao fim do ano e passasse, durante o ano o meu pai não se preocupava em me perguntar pelos testes não, nada, tá a ver, o que eu acho péssimo enquanto que eu acompanhei sempre os meus filhos, eu, porque pronto porque o meu marido levou mais isso...a nível de escola eu acompanhei sempre os meus filhos, preocupava-me todos os dias como é que foi, como é que não foi, os testes marcaram pronto acho que à uma necessidade em casa de haver esse tipo de acompanhamento que é para nós nos sentiremos se à alguma coisa que podemos falar, dizer à vontade ah vejam lá eu perguntava à não sei o quê estou mais aflita, precisam de explicações vamos tratar disso, vamos... (infelizmente na sua altura não havia este tipo de explicações?) Não, porque os meus pais, o meu pai era funcionário de Estado a minha mãe era doméstica pronto cuidava de mim e da minha irmã e portanto não havia essa disponibilidade, não havia disponibilidade e também não havia assim tantos explicadores como à agora, está a perceber, portanto era mais complicado nesses tempos”.

O que é que acha que não correu tão bem para ter reprovado?

“Fui exatamente, ora eu entrei no primeiro ano (segundo ciclo) portanto o primeiro ano já passei rés-vés mesmo à tangente, quando devia ter ficado e aí está algum professor, não me lembro, não sei se foi o português, português não foi porque eu era boa aluna a português, mas houve ali se calhar o de matemática ou isso que acho que como eu era uma aluna assídua, participativa, que mostrava interesse, pronto passaram-me e depois havia aquelas reuniões com os pais e isso e então lá entenderam e passaram-me só que eu já ia com poucas bases, já ia com poucas bases para o segundo ano (segundo ciclo) e foi isso que me fez chumbar e repetir o segundo ano, portanto não foi mais nada do que isso”.

Qual foi o seu sentimento em relação a ter reprovado?

“É mau, é sempre muito mau, por exemplo para quem quer mostrar, por exemplo aos pais que era concretizar aquilo que eles nunca conseguiram concretizar é muito mau, eu no meu caso como vivia muito em função dos meus pais pronto principalmente do meu pai era, era muito mau não talvez nesse 2º ano (segundo ciclo) do que me lembro custou-me, custou-me bastante, mas custou-me mais quando era adulta, portanto adulta com 17/18 anos, acho que aí custou-me mais do que propriamente nesse ano que eu chumbei o ano todo”.

Acha que vale a pena um aluno reprovar o ano?

“Eu acho que sim, vale a pena no caso em que no outro ano melhorei sem dúvida que melhorei as minhas notas, sim acho que nos dá nos faz ver onde é que erramos, tentar corrigir aquilo que não fizemos tão bem e acho que me reforçou mais por ter conseguido e não ter, Deus me livre, de ter de repetir outra vez nem pensar era uma vergonha não é, e depois havia a tal sempre comparação e eu Meu Deus aí nem quero pensar e pronto uma pessoa empenhava-se havia mais empenho acho que era mais saudável, antigamente era, embora houvesse como à hoje uma crueldade entre os miúdos, não é mas eu era assim um bocado popular e isso (portanto não foi um ano perdido) Não, não foi de todo, não foi porque eu acabei bem, eu comecei cedo porque faço anos em maio entrei logo na primária portanto entrei, não fui como aqueles alunos que entravam, portanto ia para a faculdade com 17 ou 18 anos, na altura com 18 anos porque tinha chumbado esse, e então não, não me afetou de todo pelo contrário deu-me mais força pronto e fez-me realmente ter, para conseguir para ver, pronto já tinha visto eu tinha noção onde é que tinha falhado e portanto consegui melhor e passei”.

Que mensagem gostaria de deixar para os alunos que estejam a passar por uma reprovção?

“Que nunca desanimem! O chumbar não vem mal nenhum ao mundo, acho que as pessoas, é como eu digo, fazerem uma análise daquilo que fizeram menos bem, tentar corrigir para que no próximo ano as coisas corram com facilidade e sem sobressaltos, sem problemas, mas desistir isso é dos fracos como eu costumo dizer nunca desistir! Portanto é sempre tentar melhorar, sempre ir para a frente e não se deixarem ir a baixo. Não quer dizer que as pessoas às vezes não fraquejem que é normalíssimo também somos seres humanos, mas não desistirem, tudo se consegue nesta vida, portanto com trabalho, dedicação tudo se consegue. Um conselho que eu dou é não se baldarem às aulas porque realmente a presença em aula e estar atenta é meio caminho andando para se conseguir um bom resultado”.

Nome (Fictício): Márcia

Idade: 18 anos

Ano da retenção: 11ºano

O que fazes quando não percebes a matéria?

“Pesquisava, perguntava, perguntava à stora né que me explica-se algo que eu não entendi e também tinha o apoio que eles explicavam né, davam o resumo da matéria que era para o exame nacionais né que estava a caminho, sim eu usava os livros a internet e tudo isso me ajudou às vezes”.

Então, costumavas estudar com regularidade?

“Mais ou menos (risos) (no ano em que reprovaste costumavas estudar com regularidade?) Estudava, eu tinha acabado de me mudar não é, de país e foi um processo, como é que eu posso dizer, foi difícil né. (a adaptação?) Sim, e o ano em que eu vim aqui (Portugal) foi o ano que eu descí as cadeiras, porque foi, é difícil te adaptares né a um novo país (foi neste ano que mudaste de país e que repetiste?) Sim, foi eu já fazia o 11º ano no meu país, mas tive que repetir porque lá não terminei e continuei assim, mas com um curso diferente, porque eu vim através da equivalência, sim tive que me adaptar não tinha algumas disciplinas que tinha no meu curso que eu tinha escolhido no meu país e foi um pouco difícil, isso é que levou a deixar algumas cadeiras, porque o processo de ensino é, ensino é diferente entre os países, por isso é que tive assim alguma dificuldade a me adaptar, agora posso dizer que, agora estou melhor porque já entendo o ensino né, que eu tenho, por assim dizer”.

Gostaste sempre das escolas por onde andaste no teu país (e em Portugal)?

“Acho que eu gostei, no princípio eu ouvia falar assim da escola, por exemplo, deve uma escola quando entrei no secundário, no meu país, e não queria entrar naquela escola, mas comecei a estudar não é e vi que não era bem o que eu pensava porque ouvia de outras pessoas que aquela não era a boa escola (porque é que achas que não era uma boa escola ou porque é que te diziam que não ?) Diziam que, acho que não eram boas influências os alunos, sim mas não foi o que eu vi quando estudei lá, não foi, o que as pessoas diziam né não era nada daquilo que eles diziam, foi uh conheci boas pessoas e tive ótimos professores que me ajudaram muito, me ajudaram com a minha dificuldade, eu tinha, eu não gostava muito de matemática e lá eu conseguia tirar as minhas positivas de acordo com a explicação que eles me davam. (Sempre sentiste que existiam boas condições para aprender?) Aqui devo dizer que não tive uma boa experiência com uma professora, sim acho que ela era um bocado devo dizer que ela era um bocado dura que os alunos que também passaram por ela no 10ºano eles disseram né que ela sempre foi assim e acho que o método de ensino dela era mas para ela do que para os alunos, que era para os alunos perceberem, por acaso tive muitas dificuldades a uma disciplina que eu também não passei, tive muita dificuldade por acaso com ela”. “Aqui só devo dizer os computadores, às vezes estão sempre avariados, às vezes não ligam, mas de resto está tudo bem. (E no teu país sentias que tinhas boas condições?) “Sentia, sentia”.

E a tua relação com os professores como era (já me referes te que tiveste essa professora que não te adaptas te ao ensino e ao método dela)?

“Sim, sim, não me adaptei. Sim, sempre tive bem, sempre tive uma boa relação com os professores, nunca tive, os professores nunca tiveram queixas de mim a dizer ah vou chamar os pais na reunião sobre o meu comportamento, sempre me comportei bem nas aulas e sempre foi amiga dos meus professores, quando eu tivesse dúvidas eles explicavam, só mesmo aquela professora que eu já havia dito é que batemos assim de frente, como eu posso dizer, mas de resto estava tudo bem. (mas queres explicar um pouco melhor a tua relação com essa professora?) Com esta professora era difícil falar com ela, porque os alunos sentiam um pouco de receio para que ela explicasse né, para tirar dúvidas (ou seja tinham medo ou receio que...) Tinha receio, eu não tinha problemas em tirar dúvidas, eu sempre fui tirar as minhas dúvidas, mas com ela no princípio é que eu tive um pouco de receio, mas depois nos apoios, ela dava apoios e é que como é que eu posso dizer, (a relação era melhor nos apoios?) Sim, ela às vezes ela era uma baixa professora, nem explicava e não sei o quê, mas às vezes também, que era a maioria das vezes é que não se entendia muito bem, era como se ela tivesse a dar aula para si mesma do que para os alunos, porque um professor deve fazer com que todos os alunos percebam não só alguns não é, todos devem aproveitá-la mas com ela às vezes era só como se ela estivesse a explicar para ela, porque ela entende dessa matéria e nós viemos aqui (escola/apoios) para aprender, acho que ela às vezes esquecia isso e por isso eu não me dava bem, teve uma vez até que estávamos no apoio e eu fui perguntar uma dúvida e eu não me lembrava muito desta matéria que eu tinha dado e ela me disse não sei o que tu aprendeste no teu país e eu, não sei o que é que vocês aprenderam lá e por acaso aquilo me marcou mesmo e nunca esqueci o que ela disse, os alunos só ficaram a olhar, porque também não gostaram, mas não fizeram nada, eu queria responder a ela mas vi que não me ia levar a lado nenhum e então fui sentar e não fiz mais nenhuma pergunta até o apoio terminar porque depois fomos ter aula com ela, mas sim terminei nunca mais vi ela e sim, foi assim”.

Achas que os professores se preocuparam com a tua reprovação?

“Eu acho que sim, eu tive uma professora muito simpática também que sempre me ajudou desde do princípio que tinha professoras não é, eu só tinha a reclamar de duas professoras que, mas principalmente a que eu expliquei agora, se não a outra eu gostava muito delas, porque sabiam que eu era estrangeira que tinha acabado de chegar e sempre me ajudaram muito e perguntavam ao meu lado, porque as pessoas novas normalmente tem receio de perguntar ao lado dos outros colegas que eles ouçam então elas sempre vinham ao lado de mim e me perguntavam está a conseguir não sei o quê, estou, se eu tivesse dúvidas eu perguntava e elas sempre gostavam de quando me mandavam t.p.c. me perguntavam, faziam pergunta para ver se eu percebia o t.p.c. na correção, gostavam que eu lesse não ver se eu precisava melhorar alguma coisa e sempre foram muito pacientes comigo”.

Como era a tua relação com os teus colegas? Sentias te inserida na turma?

“Com os colegas não tínhamos, não era amiga deles não é, só de algumas que também vieram do meu país, só andava com elas, mas eu acho que elas podiam inserir mais as pessoas quando são novas, porque eles são novos não tem amizade no país, eles sempre foram simpáticos comigo, me deram a matéria, mas eles não são obrigados a serem amigos de ninguém não é, mas de resto sempre foram simpáticos, ajudavam-me. (mas sentias te excluída da turma?)Acho que sim porque normalmente é na escola que levamos amigos para a vida toda não é, e devo dizer que acho que devia sim sentir um bocado excluída, me perguntava às vezes será que uma pessoa para ter amizade com eles ou algo do género mas eles ajudavam-me se eu lhe pergunta-se como eles já tinham entendiam a matéria, os que já entendiam né eu perguntava e eles me explicavam, quando, por exemplo, eu cheguei eu tinha atraso nas matérias e eles ajudaram, quando também eu não tinha o livro não é ainda não tinha recebido o livro acompanhava com eles normalmente e sempre foram simpáticos comigo, mas mais do que colegas não, tinha só com as pessoas que vinham do meu país apenas”.

Mas sentes que o ambiente em sala de aula era bom?

“Sim, sim, acho que sentia, não só os professores também os alunos ajudavam-se e é muito importante também, não só os professores mas os alunos também contribuiram para uma nova pessoa na turma né vinda de outro país ou mesmo trocando de escola e eu via isso eles ajudavam-se uns aos outros, os professores explicavam, sim havia um bom ambiente. (então nunca sentiste que havia alunos indisciplinados ou incorretos?) Não, por acaso eu tinha uma boa turma, não tinha problemas com isso. E também éramos poucos, não era uma turma muito cheia, grande e nunca teve dessa de um aluno faltar ao respeito ao stor ou responder mal ao stor, nunca tivemos disso”.

Quantos aos apoios que tu tiveste dos familiares, sempre te sentiste apoiada após a reprovação?

“Sim, a minha mãe conversei, sempre mais com a minha mãe, converso com os dois, mas mais com a minha mãe sempre, sempre mais com a minha mãe e ela me apoiou porque ela também passou por algo assimilar a isto, mas já há muito tempo e ela me apoiou de todos os sentidos, converso comigo, disse para não sentir triste por ter deixado algumas cadeiras, porque o meu plano era mesmo nunca ter chumbado ou deixado cadeiras no secundário pelo menos não é e eu quando cheguei aqui vi que o plano que eu tinha desde sempre estava a mudar aos poucos não é foi uma mudança que não, não gostei mesmo da mudança e ninguém gosta não é, não gosto muito de mudanças e foi um pouco difícil no princípio mas depois eu vi os cursos EFA e eu ia fazer 18 anos ia ser maior de idade então não me preocupei nada muito com isso porque eu teria atraso e ser a mesma coisa do que quando eu estudasse no período da manhã. (Sempre te sentiste apoiada por parte dos teus pais?) Sim, sempre e dos meus irmãos também, sim foi”.

Já me referiste que tiveste apoios na escola, alguma vez tiveste outro tipo de acompanhamento?

“Não, tive um amigo da minha irmã que era bom em matemática e quando eu tivesse algumas dúvidas ele me explicava, sim ele por acaso era mesmo muito bom e acho que de certa forma contribuiu um pouco para mim.(as explicações dentro da escola sentiste que foram úteis?)Tinha dias que sim e tinha dias que não que não sentia isso, dias em que sentia que percebia mesmo o que a stora explicou e à dias que também não percebia muito via que era como se fosse uma perda

de tempo não é, ir àquele apoio, sim mas nada é perfeito não é nem todos os duas são bons, mas eu diria mais que acho que eu me sentia melhor no apoio, acho que interagira mais no apoio do que numa aula”.

Qual é a importância da escola?

“Acho que a escola é uma aprendizagem ao longo da vida que nós temos começamos desde de pequenos é graças à escola que hoje sabemos ler e aprendemos várias coisas sobre a sociedade, sobre o meio ambiente e acho que a escola mesmo é muito importante porque sem a escola a saberíamos o que sabemos hoje se bem que algumas pessoas aprendem com a vida mas a escola é essencial, não só para os mais novos mas também para os adultos”.

Sempre gostaste de estudar?

“Eu gosto muito de aprender mas às vezes deslocar-me de casa com o frio aí é um pouco difícil não é, mas sim a minha mãe dizia que desde pequena que eu fazia muitas perguntas e sempre que eu via algo estranho que eu não sabia, eu sempre perguntava à minha mãe o que é que era, até às vezes a minha mãe ficava às vezes saturada de tanto eu perguntar, porque eu gostava muito de perguntar e mas quando eu comecei a crescer deixei de perguntar não é, acho que normalmente quando nós crescemos nós mudamos, alguns mudam evoluem e acho que quando nós somos adolescentes às vezes nos irrita não é, fazer perguntas e às vezes sentimos que as pessoas não vão nos responder como nós queremos então temos a necessidade de nos responder a nós mesmo, pesquisar para nós sabemos a resposta, gostamos de saber por nós mesmas, acho que é isso eu gosto muito de pesquisar quando eu não sei algo não é e já não gosto muito, eu pergunto né faço perguntas, mas já não é com aquele interesse que era quando eu era mais nova e acho que deveu-se mesmo à adolescência, quando passei pela adolescência acho que aí é que me fez deixar de fazer perguntas com quando era mais nova”.

Achas que reprovação afetou a tua atitude perante a escola?

“Não, não acho porque sim como é que eu posso explicar, não sei bem como me exprimir, eu reprovei não é, vim estudar à noite mas isso não afetou o meu estudo, sempre continuei a estudar por que é que eu vou ficar amuada porque reprovei ou deixem cadeiras, quando eu posso continuar, levantar e continuar a fazer o que eu queria fazer, por isso não me deixei afetar, talvez nos primeiros dias fiquei assim um pouco triste não é, mas depois passando com o tempo vi que também tinha este coiso (curso EFA) porque o meu irmão também terminou nos cursos EFA, nós mudamos ao mesmo tempo, mas ele veio um ano ou dois anos primeiro do que eu então e ele estudou à noite e eu sabia que quando fizesse 18 anos então vi isto como uma oportunidade para mim para não desistir e continuar assim, o que eu sempre quis fazer que era terminar o secundário e ver o que é que vai dar não é”.

Qual foi o teu sentimento em relação a teres reprovado?

“Tristeza, fiquei chateada comigo mesma sim”.

O que é que achas que não correu bem para teres reprovado?

“Não, acho mesmo que foi a mudança é difícil como eu já tinha dito é difícil adaptar-se a um novo método de ensino e isso me atrasou um pouco, sim eu acho que foi só isso, foi a mudança”.

Valeu a pena teres reprovado?

“Acho que sim, gosto muito de estudar à noite me facilita porque se eu quer posso arranjar emprego não é, e gosto, consigo conciliar a minha vida pessoal, por exemplo, no período da manhã nós temos dois, nós estudamos em dois períodos, o período da manhã e o período da tarde, já o período da noite é eu posso ter todo o dia livre para tratar de mim, trabalhar e depois vir à escola e o método de ensino não é o mesmo os stores, os professores são mais flexíveis e gosto muito dos professores que eu encontrei aqui, eles, aprendi, aprendi muito, acho que aprendi mais aqui do que no ano que eu estudei no período da manhã, porque o período da manhã é como se eles, desde o princípio que desde do secundário, 10.º ano, nós temos que começar a estudar nos mandam t.p.c. temos que sim, temos que nos preparar mais para os exames porque eles mais principalmente as disciplinas de exame que nós vamos fazer nós temos sempre isso na cabeça temos que aprender a nos esforçar muito, deixar de dormir um pouco, parar de fazer coisas que é para estudar e passar o exame e entrar na Universidade que nós queremos, eu acho que é muita pressão para nós, porque nós temos sempre que nos focar no exame, já aqui não, é diferente é um ambiente mais saudável, devo dizer assim, os professores não pegam um no nosso pé como no período da manhã e os trabalhos eu, eu sempre no princípio fico um pouco, não fico muito à vontade para defender, apresentar a trabalho mas depois eu me habito e aqui eu não tenho muito disso sempre deixo primeiro o trabalho, só tem mesmo um trabalho, que foi o primeiro que eu defendi com um pouco de ansiedade (porque eu tenho ansiedade) e mas depois quando eu comecei a falar, os colegas também como já são adultos é mais fácil lidar com os adultos do que com os adolescentes, porque com os adolescentes sempre é um pouco mais difícil não é, sim e sempre gostei muito de ter chumbado e visto da noite, acho que foi melhor para mim, porque aprendi coisas que eu não imaginava que era aquilo então sim. (Entrevistadora:então melhoras te as tuas notas?) Melhorei, aqui nós não funcionamos muito por notas, é mais por trabalho. Mas sim, eu tenho uma professora que gosto muito que por acaso porque ela me elogia muito diz que gosto mesmo da forma como eu desenvolvi, acho que aprendi a desenvolver mais porque eu gostava de resumir as coisas que era para não dar muito trabalho e aprendei a desenvolver mais isso, puxar mais pela minha cabeça, não é para conseguir desenvolver mesmo uma resposta com cabeça, tronco e membros e ela sempre me disse que gostava dos meus trabalhos e é isso que nós precisamos que um professor nos incentive e ela desde do princípio sempre me incentivou muito e acho que todos precisamos de professores assim. (Entrevistadora: não sentes que foi um ano perdido?) Não, não foi mesmo perdido porque a esta hora até estaria no meu

12.ºano e aqui também daqui pouco termino da mesma forma que terminava com os outros colegas que eu tive e sim, eu acho que não foi um tempo perdido, porque eu aprendi mais, acho que os cursos EFA nos ajudam mais para a atividade profissional e é isso que as escolas também deviam nos preparar para quando nós começamos a trabalhar e nos cursos EFAS isso acontece em vez de estarem sempre a nos dizer que estudar para exame e isto para entrar numa boa Universidade mas os cursos EFA nos preparam para os exames para quer entrar para a Universidade mas também para a atividade profissional, para exercer uma atividade profissional”.

Quais são as tuas expetativas para o futuro?

“Quando terminar eu penso em ir para a Universidade, ter um bom emprego, quem é que não quer e não sei, acho que não gosto muito de fazer de pensar a longo prazo gosto de deixar fluir e.... por agora é terminar o secundário e ir para a Universidade espero não deixar mais cadeiras, não é e sim é isso o que eu quero por agora porque eu depois posso mudar”.

Que mensagem gostaria de deixar a alguém que esteja a passar por uma reprovação?

“Acho que não devem pensar muito nisso porque que todo o mundo erra e é normal isso acontecer porque ninguém é perfeito, umas pessoas podem ser boas numa coisa e outras numa outra coisa então não desanimem, não deve desanimar porque isso aconteceu devem só pensar no futuro, concentrar no seu objetivo e ser feliz”.

Nome (Fictício): Ricardo

Idade: 19 anos

Ano da retenção: 8.º ano

Quando não percebias a matéria o que fazias?

“Tentava rever e aprender sozinho, porque dificilmente eu não percebia a matéria, eu faltava era muito às aulas e não apanhava mesmo a matéria de todo e não sabia o que eles estavam a dar e desleixei-me um bocado, pronto é isso”.

Costumavas estudar com regularidade?

“Não, (entrevistadora: era sempre na véspera dos testes) Sim, praticamente”.

Em que escola andaste, se puderes referir?

“Na Stuart Carvalhais, Massamá. Estive num colégio do 1.º ao 4.ºano e depois estive em Massamá numa Escola Básica na Egas Moniz e depois fui para a Stuart Carvalhais”.

Como é que eram as condições nas escolas por onde andaste? Tinhas boas condições para teres um bom desempenho escolar?

“No colégio, obviamente que tinha porque era privado, na Egas Moniz também nunca me faltou nada sempre foram boas instalações, bons professores e na Stuart também não tenho razão de queixa e enquanto professores e enquanto instalações”.

Qual foi a tua melhor lembrança da escola? Ou disciplina?

“Biologia, biologia foi uma disciplina que eu gostei muito, mas já foi a partir do 10.ºano. No ano que eu reprovei era ciências. Foi mesmo quando tive a melhor nota da turma, no ano em que eu reprovei, tive 100% num teste e foi muito, é destacável, não é”.

Que disciplinas mais gostava e que menos gostavas?

“A disciplina que eu mais gostava era ciências e matemática e a que menos gostava era português na altura e de resto não havia mais nenhuma que eu não gostava, só português é que, e francês (ou seja línguas) só o inglês é que eu gostava na altura”.

Quanto à tua relação com os professores, como é que era?

“Desde do 7.ºano que entrei nessa escola que já, já era um bocado problemático, no 8.º ano, passei no 7.º ano, depois no 8.º ano que eu chumbei tive 14 faltas disciplinares e tive que fazer o regulamento da escola 14 vezes, depois estive suspenso e depois é que acabei por reprovar e depois tive que adaptar-me à escola e nunca mais tive episódios desses, só que no 7.º ano já vinha a minha história e já estava um bocado de parte, ou melhor na lista negra porque já sabiam que era um bocado problemático”.

Então a tua relação com os professores não era a melhor?

“Não, tirando a diretora de turma que sempre me apoiava, dizia aquilo que eu devia e não devia fazer e alguns professores também relativamente de ciências e sempre me tiveram a apoiar e nunca tive problemas com eles”.

Achas que os professores se preocupam em relação a se um aluno passa ou reprova?

“Eu acho que em alguns casos preocupavam-se, porque eu chumbei por ter 4 negativas, eu comecei com 8 negativas depois passei para 6 e acabei com 4 negativas e era suposto só ter 3 que assim conseguia aprovar o ano, só que houve uma professora que foi a de física-química que não me deu a nota e então, tinha média de 48,5% e não me quis dar o 50% para eu passar”.

Então porque é que achas que a tua relação com os professores era tão má?

“Acho que era mais sobre as influências que eu tinha na turma, não eram as melhores e então deixei-me levar um bocadinho”.

Como é que era o ambiente em sala de aula? Como era o teu comportamento?

“No 8.º ano era bastante mal, no ano em que eu chumbei tinha colegas meu que na altura eu pensava que eram as melhores companhias mas no fundo não foi, tanto que me levou a reprovar também e era mau simplesmente. (entrevistadora: o ambiente em sala de aula era mau?) Sim, sim não era só meu mas no geral a turma não era o melhor. (entrevistadora: podes podes explicar um bocadinho melhor?) Era muita conversa, pouco respeito aos professores quando mandavam calar e havia um ou outro que pronto eram os melhores alunos, que se destacavam e não faziam, não criavam problemas na turma, mas o resto era tudo muito problemático, conversas, faltavam, respondiam aos professores”.

Mas como era a tua relação com os colegas? Como achas que o ambiente em sala de aula poderia melhorar?

“Acho que melhorar era mesmo pessoalmente, acho que na cabeça de cada pessoa na altura no 8.º ano ainda não somos adolescentes praticamente, ainda não percebemos muito bem aquilo que estamos a fazer e não temos consequências, não temos a perspetiva das consequências que nos podem causar e então deixamos-nos levar pela brincadeira e acho que é muita da cabeça da pessoa para poder mudar, não era dos professores, porque os professores só queriam o nosso melhor (entrevistadora: Então não sente que foi por causa dos professores que houve algum tipo de exclusão?) Não, não, não. (entrevistadora: que não se preocupavam tanto com o desempenho escolar?) Não, preocupavam-se (entrevistadora: sentias isso?) Não, eu é que na altura não reparava porque queria era brincar e faltar, fazer tudo o que não fosse estudar”.

Tiveste apoio por parte da tua família? Mesmo quando reprovaste-te?

“Sim, o meu pai não tanto mas a minha mãe sempre esteve do meu lado, o meu pai não queria que eu chumba-se mas acabou por acontecer, ficou triste comigo e chateado mas lá no fundo tudo esteve sempre a apoiar porque depois também foi para um centro de estudos no ano a seguir no 8.º ano depois de ter chumbado e meteram-me no centro de estudos e tudo, mas eu depois não precisei mais do centro de estudo porque realmente se eu não faltasse às aulas, eu conseguia ter as notas em condições para passar, tanto que eu a meio abandonei o centro de estudos porque eu estava a ter muito boas notas, experimentamos deixar o centro de estudos e continuei a ter essas boas notas”.

Portanto nunca deixaste de ter apoio por parte dos teus familiares?

“Não, eu sempre tive todo o apoio seja de familiares, colegas mais velhos e que me tentassem levar para o caminho de ter juízo que na altura não tinha”.

Mas o centro de estudos foi realmente um apoio ?

“Eu senti que o centro de estudos foi mais para captar a minha atenção nas aulas para não estar tão desatento, não estar tão falador, porque no fundo o centro de estudos foi quase uma aula de terapia psicológica se formos assim dizer só para me dizerem que eu não devia fazer aquilo ou que não devia de responder ou estar desatento porque a nível de matérias eu praticamente chegava lá e aquilo que eu tinha de fazer, eu fazia praticamente sozinho, eles corrigiam e estar certo, só que como eu estava desatento e faltava às aulas não conseguia apanhar a matéria, não conseguia fazer, mesmo que lesse não ia entender porque no fundo precisamos sempre que um professor esteja à frente a explicar, mesmo que seja só ler o livro não vai lá”.

E por parte da escola tinhas apoios ou era apenas no centro de explicações?

“Não era só no centro de explicações porque na escola sempre disseram que eu não devia ter este apoio porque as minhas notas não chamavam à atenção para tal, não, diziam que eu era bom aluno e que o problema era mesmo o comportamento então nunca me quiseram meter no apoio porque na turma existiam alguns alunos que realmente precisavam de apoio, porque, por causa das notas eram más e no meu caso como também já estava cheio também quiseram tirar ninguém para me pôr e disseram que eu não tinha notas para para o apoio”.

Achas que é importante que a escola exista? E porquê?

“Eu acho que sim, a escola deve existir porque é como o nome diz é uma escola aprendemos lá e crescemos lá, seja a nível de conhecimento, seja a nível psicológico, vamos aprendendo coisas que se nós não fôssemos à escola não aprendíamos né e criamos lá as nossa bases”.

Mas achas que é essencial, tu não consegues fazer algo por não teres então grande escolaridade?

“Pelo menos a base nós devemos ter sempre, o que eu digo a base para mim era até ao 9.º ano que eu acho que é uma base essencial e essa base devíamos ter para conseguirmos fazer alguma coisa na vida, de resto na nível de 10.º, 11.º, 12.º eu acho que já não acho que isso seja um factor assim tão exclusivo, porque há coisas que somos obrigados a escolher uma área por mais que naquela altura não seja alguma área que gostamos, somos obrigados a escolher para poder completar o 12.º ano e acabamos por ser um bocado obrigados a escolher e acho que não é assim tão essencial a partir do 10.º ano para a vida”.

Sempre gostaste de estudar? Sempre mostra-te interesse em aprender?

“Mostrar interesse em aprender sempre mostrei e gosto de aprender, de estudar não, não gosto”.

Achas que a reprovação afetou a tua atitude perante a escola?

“Não, acho que me fez, quer dizer afetou no sentido positivo, acho que fez-me ver que eu não estava a fazer as coisas corretas e que devia de melhor”.

Quais é que tu achas que são as disciplinas fundamentais e que a escola deve apostar cada vez mais?

“A matemática, o português, ciências e inglês, para mim, são as fundamentais”.

O que é que achas que não correu bem para teres reprovado?

“Não, foi só mesmo o meu comportamento e porque a reprovação só gerou mesmo por causa do comportamento (Entrevistadora: O que é que tu atualmente terias mudado?) Não faltava às aulas, por exemplo, não falava tanto, como na altura fazia, não respondia tanto e era isso, mudava o comportamento para melhor”.

Quando reprovaste-te o que é que sentiste?

“Senti que estava a ficar para trás os meus colegas da minha idade já iam avançar e eu ia ficar com colegas mais novos, não gostei, acho que ninguém gosta de chumbar, mas no fundo já estava meio que preparado porque eu já sabia o que tinha feito o ano todo, só que fiquei mais triste foi com a nota, que eu tinha média mais ou menos para passar e não quiseram dar a nota também fiquei um bocado chateado, porque nós estamos sempre, já sabemos quais são as negativas que vamos ter porque, a média dá mesmo para negativa e depois temos sempre aquelas que sabemos que podem dar para o 2 ou 3 e na altura deu para o 2 (entrevistadora: normalmente isso varia pelo comportamento, então sentiste que foste um pouco penalizado?) Sim. (entrevistadoras: mas se calhar com um comportamento melhor poderias ter passado?) Sim, poderia ter passado facilmente”.

O que é que te custou mais?

“Afetar, afetar não me afetou muito porque não houve fatores que me desencadava-se raiva ou tristeza muito grande, simplesmente vi que ia deixar de ter os meus colegas na turma, os meus amigos que na altura eu chamava amigos e que ia ficar para trás e que um dia ia ver que eles já tinham acabado e eu ainda não”.

Achas que valeu a pena teres reprovado?

“Acho que sim, acho que se tivesse passado ia continuar na mesma turma no 9.º ano e acho que ia ser pior, porque no 9.º ano aprendesse coisas muito boas para o futuro e acho que não ia prestar a mínima atenção àquilo que fiz. (entrevistadora: então até melhoras-te as tuas notas?) Sim, sim melhorei bastante, deixei de ter negativas e pronto. (entrevistadora: o teu desempenho escolar melhorou, mesmo tendo reprovado?) Sim”.

Quais são as tuas expectativas para o futuro?

“As minhas expectativas atuais? (entrevistadora: Sim) Eu quero ser da polícia de segurança pública e estou a tentar acabar aqui agora o ensino para me poder candidatar na próxima recruta, atualmente estou nos bombeiros voluntários e é isso”.

Para finalizar, que mensagem gostarias de deixar as pessoas que estejam a passar por uma reprovação ou em risco de reprovarem o ano?

“Acho que devem refletir um pouco sobre as atitudes que tiveram, sejam comportamentais ou a nível de atenção às aulas e não quer estudar porque no fundo não deixa um comportamento e acho que devemos de refletir e ver se é bem aquilo que acham correto porque muitas das vezes nós pensamos que nós é estamos certos e os outros é que estão errados e temos uma ideia que é nossa e acho que devem ouvir quem já tem experiência na área e, por exemplo, quem já reprovou e devem de seguir estes conselhos porque são fundamentais para o futuro”.

Nome (Fictício): Arthur

Idade: 20 anos

Anos das retenções: 8.º ano e 9.º ano

Quando não percebias a matéria o que é que fazias?

“Normalmente, não era por não perceber a matéria, eu não estava atento nas aulas, eu ia para lá mas basicamente era estar por estar, mas como não estava atento era uma coisa que me passava ao lado”.

Costumavas estudar com regularidade?

“Não. (Entrevistadora: Como era, então o teu estudo?) Eu sinceramente eu não estudava, às vezes estava na aula passava as coisas, mas era por exemplo quando a matéria me agradava quando era uma coisa que não me interessava deixava passar não, não me esforçava se quer, não estudava mesmo. (Entrevistadora: E para os testes?) Para os testes, ia vendo 1 ou 2 dias antes fazia o resumo mas lá está também mais do que o que me interessava porque o que me interessava era pouco quase nada, era muito em cima da hora”.

Como eram as condições da tua escola? Tinhas boas condições para teres um bom aproveitamento escolar?

“Quando eu chumbei, eu estava a estudar na (Escola) Simara e a escola tinha boas condições sim, isso não posso reclamar (Entrevistadora: Tiveste muitas mudanças escolares?) Então, eu tive na (Escola) Francisco do 5.º ao 7.º ano, fui para a Simara do 7.º, 8.º (segundo 8.º), 9.º (primeiro 9.º) e segundo 9.º e depois fui para a Mães d’água tirei o 10.º e 11º, mas como consegui a tirar a carta precisava de tempo vim estudar à noite agora para aqui (entrevistadora: não sentes que por teres mudado de escolas isso te influenciou de algum modo?) Não, não isso não”.

Que aprendizagem tiveste na escola e que nunca esqueces?

“Foi, a que eu mais gostei foi no segundo 9.º ano, que tirei informática e pá gostei porque eu fui estagiar para as torres da Galp em Lisboa, para os escritórios e como estava a fazer aquilo que eu gostava, foi uma coisa que eu me apliquei mais, pronto para ter um bom estágio também, apliquei-m e prontos consegui passar com boas notas, mas foi mesmo nesse ano, no segundo 9.º ano”.

E que disciplinas mais gostava de aprender e as que menos gostaste?

“As que eu não gostava mesmo era inglês, física-química e ciências, era essa três nunca me chamou muito a atenção. (entrevistadora: e a que mais gostava?) As que mais gostava foi sempre educação física e desenho informática”.

Como era a relação com os professores?

“Sim, sim isso aí sempre foi uma coisa eu nunca, eu respeitei sempre professores nunca faltei ao respeito nunca tive queixa com eles ou brigas (nem mesmo nos anos em que reprovaste?) Não, não, não”.

Os professores preocupavam se com a tua reprovação?

“Sim, sim isso sim, porque no primeiro 8.º que foi o primeiro ano que eu chumbei, podia ter passado, mas como não tinha, acho que era os testes todos, como não tinha os testes eu não pode fazer o exame para passar e aí os professores tentaram fazer com que eu passasse de ano, eu é que não consegui não tinha material suficiente”.

E, em relação aos colegas, estava inserido na turma, ou seja gostava da turma onde estava?

“Sim, porque felizmente também eu tive sorte que do 1.º ou 4.º tive sempre a mesma turma e depois quando fui para a escola Francisco, apanhei-os a todos, quase todos também e na Simara consegui também apanhar alguns, ou seja, tive a maioria dos anos tive sempre com pessoas com quem eu cresci o que foi mais fácil, e do meu bairro também”.

Portanto o ambiente em sala de aula era bom?

“Era, isso era”.

Quanto à tua família sempre te sentiste apoiado pelos teus familiares?

“Sim, mas mais por parte da minha mãe que ela era aquela pessoa que me dava sempre na cabeça, vai estudar, vai estudar faz isto, aproveita, faz, faz, faz mas pá ultimamente sim, sempre me senti apoiado (entrevistadora: mesmo quando reprovaste?) Sim, o meu pai era aquele que também me apoiava, mas era um apoiar rígido, por exemplo, tem que passar, tem mesmo de passar se não vais ficar de castigo ou vais levar aquelas palmadas não sei quê, e a minha mãe nesse sentido quando eu chumbei, ela até foi a primeira pessoa que tentou esconder do meu pai o facto de eu ter chumbado, mas sim ela sempre me apoiou nesse aspeto. (entrevistadora: Então como é que foi a atitude deles quando reprovaste?) Ficam desapontados, ficaram tristes basicamente foi isso ficaram desapontados comigo”.

Relativamente a apoios na escola, tinhas?

“Tive, já não me lembro como é que se chamava aquilo mas, quando eu fui estagiar como não foi só por ser o melhor daquele curso porque era uma coisa que eu gostava lá estava, a escola apoiou-me conseguiu este estágio na Galp durante o verão e foi graças à escola que eu fui para esse curso”.

E fora da escola tinha algum tipo de explicações?

“Tive os meus amigos eles sempre tiveram do meu lado, fora eles não. (entrevistadora: assim explicações ou algo do género?) Não, não, isso não. (nunca recorres-te por escolha?) Por escolha, eu era aquele aluno que não gostava mesmo de estudar e como eu disse ia para as aulas por ir mesmo só para não desapontar os meus pais, ia nunca faltei ao respeito, nunca faltei, mas estava lá por estar não fazia nada”.

Que importância atribuis à escola?

“Eu apesar de não gostar de estudar, não gosto, mas acho que é importante, por exemplo, eu decidi vir para este curso mesmo para conseguir tirar a carta, arranjar um trabalho e acabar a escola, mesmo não gostando até, eu próprio digo, quem não gosta é quem devia se esforçar para acabar mais rápido, não foi o meu caso, mas acho que é o correto a fazer, não gosto esforço-me e acabo mais rápido, pois mas sim a escola é importante porque sobretudo sem ela nós não fazemos nada, nada hoje em dia (Entrevistadora: mas porque é que achas que a escola é importante para a vida dos cidadãos?) Porque, porque ensina-nos basicamente tudo, ela ensina-nos a não faltar ao respeito, a cumprir horários que é muito importante hoje em dia, a ter respeito pelo próximo e não é só a escola, também as pessoas com quem convivemos sempre aprendemos alguma coisa, por isso é que eu acho que a escola tem os seus pontos negativos, mas tem mais pontos fortes, aprendemos tudo o que precisamos aprendermos na escola, por isso também decidi vir para este curso que já aprendi muito mais coisas importantes que eu necessito do que, por exemplo, em cursos que eu andei (entrevistadora: que pontos positivos e negativos tem a escola?) Que pontos negativos tem a escola, por exemplo, são aqueles alunos que não respeitam o próximo, não respeitam, fazem bullying ou desrespeitam os professores, os alunos em questão, os funcionários, desrespeitam no geral, não são amigos do próximo, esse eu acho que é o único grande ponto negativo que eu vejo, os pontos positivos é mesmo o que aprendemos, à e um ponto negativo é que, por exemplo, no meu caso, o que eu acho é que há matérias que eu não vou precisar, não vou usar e que eu poderia poder escolher, se eu já sei o que eu quero para o meu futuro, se eu idealizo aquilo se calhar tenho que me focar naquele coisa e não na outra. E acho que há matérias que não são necessárias de dar, porque nós não as vamos utilizar ou alguns podem mas muito de nós não, isso eu acho que é um ponto negativo, os pontos positivos, é mesmo aprendermos o respeito pelo próximo, pelos professores, pelos funcionários, mesmo porque muitas vezes os nosso pais vão trabalhar ficamos sozinhos, então a escola ensina nos isso, não ensina só as matérias, mas também nos ensina a ser pessoas basicamente”.

~Achas que a reprovação afetou a tua atitude perante a escola?

“Não, eu sinceramente sempre que reprovei, tentei procurar uma coisa que gostasse, daí eu ter ido para os cursos, para o curso EFA do 8.º, curso EFA do 9.º e para este e quando fui para o 10.º também fui para um curso profissional, não me afetaram mas já que sei que naquilo eu não estou a gostar, não vou fazer nada, experimentei algo que gostasse que era para ver se conseguia acabar e aprender alguma coisa que eu realmente me fosse útil na vida”.

O que é que achas que não correu bem para teres reprovado?

“Foi mesmo a falta de estudo e falta de atenção na aulas, estar mesmo lá por estar, foi isso que me fez chumbar, foi o não quer saber (entrevistadora: não tinhas interesse/motivação) Exato, era o não gostar mesmo, não gostava não me sentia bem em estar lá, então como não me sentia bem em estar lá, estar lá por estar, era o desinteresse, falta de motivação para aprender aquilo”.

Qual foi o teu sentimento em relação a teres reprovado?

“Sinceramente, eu quando reprovei já estava à espera, tanto no 8.º como no 9.º porque é como eu disse, eu quando gosto eu aplico-me, eu quando chumbei, eu chumbei com 6 negativas e o resto era só 4, que eram as disciplinas que eu gostava, o que eu gostava eu aplicava-me fazia as coisa, quando não gostava, estava lá por estar. Eu chumbei com 6 negativas e 4/4's, era mesmo o não gostar o desinteresse daquelas disciplinas. (Entrevistadora: a escola poderia ter feito mais alguma coisa para te incentivar?)A escola não poderia ter feito nada, para ser sincero, a minha mãe também prometeu mil e uma coisas, eu dou-te isto eu faço isto, mas passa-me o ano, eu chumbava na mesma, eu cheguei a chumbar mesmo com o poder receber, ganhar com o passar, mas era uma coisa que estava em mim, eu não gostava, não ia com aquilo, não foi. (Entrevistadora: não foi pela escola, professores, colegas) Não, não e se fosse por aí, eu até teria passado de ano, foi mesmo por mim”.

Achas que valeu a pena teres reprovado?

“Valer a pena não valeu. É assim valeu e não valeu, porque valeu a pena ter chumbado porque consegui ir para um curso, neste caso que acho que me ajudou e me ensinou mais do que aquilo que eu estava a fazer no ensino normal, se acho que valeu, não valeu por outro lado porque perdi anos. Se fosse preciso hoje já estava a tirar a carta mais facilmente, já estava a trabalhar já estava a encaminhar-me para a vida, agora não estou aqui mais dois anos para acabar a escola e este é o lado negativo”.

Achas que foi uma perda de tempo?

“Foi como eu disse, foi e não foi, ajudou-me a encontrar algo que eu gosto, ou seja, com novos cursos, eu fui para desporto, fui para informática, novos cursos que eu realmente gosto e que me ensinaram, mas foi ao mesmo tempo uma perda de tempo porque já poderia ter acabado isto, já poderia estar a fazer aquilo que eu quero, que é tirar a carta e queria trabalho (Entrevistadora: o que teria feito para te sentires mais realizado?) Se calhar teria alterado o facto de quando estava na escola, estar lá por estar poderia ter-me informado mais em vez de ter chumbado aqueles anos, devia logo informar-me e retirado aquilo que eu gostasse, para poupar os anos que eu perdi e ao mesmo tempo continuar a fazer aquilo que eu gosto e aprender aquilo que realmente me vai ser útil, isso eu mudava”.

Quais são as tuas expectativas para o futuro?

“As minhas expectativas, eu agora quero acabar a escola que já não falta muito, focar-me em tirar a carta e conseguir arranjar um trabalho, mesmo que seja em part-time mas conseguir poupar dinheiro para ter as minhas coisas no futuro, a minha casa, a minha independência, tudo sem ter de precisar de depender de ninguém”.

Que mensagem gostaria de deixar a pessoas que estejam a passar por uma reprovação ou em risco de reprovar?

“Que não vale a pena mesmo, reprovar, não vale a pena, se sabemos que vamos reprovar mais vale procurarmos cursos, alguma coisa que nós sabemos que vai ser útil no futuro e que ao mesmo tempo não vamos estar a perder o nosso tempo porque isso vai nos atrasar no futuro. Acho que sim, devemos-nos aplicar se não queremos ir para outro curso se temos que cumprir assim, sim apliquemo-nos e estudemos. Agora se estamos ali e não gostamos, então não vou dizer se não gostas é porque não te estar a fazer bem, procura algo que te faça bem, que gostes e te apliques”.

Nome (Fictício): Marco

Idade: 20 anos

Anos das retenções: 5.º ano e 6.º ano

Quando tu não percebias a matéria o que é que fazias?

“As minhas principais dificuldades, talvez tenha sido os meus pais muito ocupados, os meus pais distante e a minha mãe muito ocupada, alguns professores também não ajudam. Tive dificuldades de me adaptar em Portugal, vim de fora, sou de São Tomé e Príncipe e quando eu cheguei aqui tinha 8 ou 9 anos e a escola era tudo diferente. Eu cheguei estava no 3.º ano, e no 5.º ano continuei a não me adaptar e alguns comportamentos também não ajudaram. Depende dos professores, às vezes perguntava para o professor explicar outra vez, não me importava, ya, não me importava. Sabia que tinha de tirar dúvidas, mas mesmo assim... sim, sim eu perguntava às vezes para explicar de novo, por acaso os meus últimos anos acho que foram os anos que eu me tenho aplicado, que eu tenho tentado melhorar, não sei. Mas também com tudo o que eu aprendi nestes anos todos, estás a ver, também depende dos professores, porque há professores que explicam mesmo bem, e se tu quiseres aprender se tiveres vontade tu vais aprender. E há professores excelentes mas há outros que também não ajudam”.

Costumavas estudar?

“Eu, estudei só no 4.º ano, estava no 3.º/4.º ano quando cheguei, porque a minha mãe não tinha tempo e eu ficava no ATL, o ATL era ao lado da escola não é, e quando eu saí, às vezes no 5º, 6º e 7.º ano eu frequentava algumas aulas de apoio não é na escola D. Pedro IV em Monte Abraão e ya e graças a alguns professores tive alguma ajuda ya, tive alguns professores que ajudaram. (Entrevistadora: era um estudo frequente ou só estudava na véspera?) Fazia marcação, quando eu tinha apoio, não é, havia lá, tive lá duas professoras que me deram apoio, elas faziam de 2 a 3 aulas por semana. Em casa era difícil, né o incentivo próprio pouco, às vezes só se eu tivesse muito interessado né, poucas vezes, lembro-me de ter estudado mas muito poucas vezes ya. Gosto mais de ler livros...Algumas aulas eu passava, quer dizer algumas aulas eu não passava, e outras eu passava e as que eu passava, tentava melhorar a minha letra não é, sublinhava e tudo, mas depois na hora de estudo passava só para estar feito. Por falta de concentração e um pouco de falta de apoio. Apoio talvez não mas tive algumas pessoas que me ajudaram não é ya”.

As escolas onde andaste tinham condições para teres um bom aproveitamento escolar?

“Há disciplinas que eu aprendo que eu gosto e há outras que não, por acaso desde o meu 3.º ao 7.º, mesmo agora gostava de ciências, história, eram algumas disciplinas que eu gostava não é. Depois às vezes era um ano que dava mais jeito Português, outras vezes dava mais jeito a matemática (Entrevistadora: que mudanças é que tu tiveste?) Na verdade eu tive várias mudanças ya eu tive várias mudanças quando eu cheguei aqui a Portugal. Primeiro eu estudei numa escola que era até ao 4.º se não me enganar e fiquei lá uns 3 meses, quando saí daquela escola fui para o Porto, tive também no Porto 3 meses tinha me inscrito numa escola quando começou voltei para Lisboa que era para o mesmo sítio não é, e continuava inscrito na mesma escola. Depois com tantas mudanças de casa fomos para o meu avô na margem sul ficamos também nuns 3/ 4 meses e a minha mãe diz que não dava para ficar mais lá e tivemos algumas situações, e ya, viemos para aqui e isso tudo aconteceu num espaço de um ano, um ano e meio quase dois. Porque eu lembro-me que eu vim aqui para Monte Abraão acho que comecei a estudar com 8, 9, 10 anos já estava a estudar lá. (mas no 5.º ano já estava numa escola fixa?) Eu saí do 3.º para o 4.º, não, não do 4.º para o 5.º entrei numa outra escola e nessa outra escola, o meu 1.º ano foi um bocadinho difícil de me adaptar reprovei, não é, depois no ano seguinte consegui passar, como eu disse há alguns professores que ajudam. E lembro-me de no 5.º ano ter umas professoras que ensinavam mesmo bem, e principalmente matemática e depois passei aquele ano, passei para o 6.ºano voltei a reprovar e depois ano seguinte passei com a ajuda dos professores que me ensinavam as coisa porque eu também via que não podia estar sempre a reprovar”.

Sempre tiveste uma boa relação com os teus professores?

“Sim, mas depende dos professores. Há professores que eu gosto mesmo, que eu digo que este é ganda stor, mesmo nos anos em que reprovei. (Entrevistadora: o que é para ti um bom professor e um mau professor?) Um bom professor tira te a dúvida, não te julga tipo não tenta, eu já vi muita coisa, não sei. Até quando vim de São Tomé para aqui, houve um caso que eu assisti numa aula que. Perdi-me pode me repetir a pergunta?. Um bom professor ajuda-te, ensina-te e

mesmo se fores o pior da turma ele está lá para dizer “então trabalha faz isso. Bora vamos. Tens alguma dúvida?”. Isso é que o torna um bom professor estás a ver, quando um professor tira dúvida, há professores que também chegavam às aulas e só passavam slides e aponta aí, está aí a matéria, outros que nem se preocupavam mesmo se os alunos estão distraídos. Deixa os que estão atentos aprendem, acho que isso é uma coisa péssima, não é. Acho que os professores têm que impor mesmo respeito e há professores que não impõem respeito por isso é que muitos alunos não ok, e a questão não é respeito é que há professores que aceitam algumas coisas que devem ser cortadas logo no início”.

Como era a tua relação com os professores em geral?

“A maior parte, conheci bons professores mesmo, mas também já conheci professores como eu disse, isso tudo depende.”

Achas que os professores se preocupam com se um aluno passa ou reprova?

“Sim, tem professores que se preocupam, outros acho que não. Outros mesmo não se importam. Ah, deixa estar ele vai reprovar e prontos. Ao menos já não me chateia. Há professores que pensam mesmo assim. Alguns só alguns mesmo. Todos os anos pelo menos encontras um ou dois professores estás a ver, um, dois, três assim no máximo que são professores bacanos, mas o resto também ya. Houve alguns que estão lá mas se não quiseres o que eles queres ou se não tiveres aquela nota, se não fores bom vão te dar um pouco para trás ya. Sim, tive professores que me chamavam à atenção. Quase todos os professores mandam à atenção para ser sincero não é, mas não é aquela não sei como explicar, há outros que não chamam mas a maioria chama. Mas é diferente. Depende da coisa que o professor diz, imagina que estás a fazer um desenho ou algo né e o professor vem e “ah isto está mal” não é desta maneira mas chega lá e acho que é um pouco difícil para um aluno. Agora se um professor chegar e é só melhorares aqui agora um pouco, só isso é que está mal ou corrige essa pergunta é assim. Depois às vezes havia professores que davam as matérias e diziam que ia sair para o teste e apontavam tudo, fazíamos os exercícios todos para preparar os testes, esses eram professores mesmo bons, esses que faziam mesmo exercícios para te preparares. Ya, esses professores eu gostava de verdade, tive professores que preparavam sempre para os testes”.

Gostava da turma onde estava inserido? Como era o ambiente em sala de aula? Como era o teu comportamento?

“Às vezes estava desatento, às vezes brincava com algum colega, mas acho que era um pouco difícil não é, mesmo como eu era um pouco influenciado não sei, fazia algumas gracinhas e ya, era para apontarem sempre para mim mesmo que eu não fizesse nada. Já me senti incluído na turma mas depende há turmas que há um grupo aqui outro ali e outro grupo aqui e não vais inclui com aquele grupo vais inclui-te com o teu ya. (entrevistadora: a turma dava-se bem?) Pouco, só se fosse com aqueles meus amigos, meus conhecidos assim bacanos, tinha colegas mesmo bacanos (entrevistadora: a turma era responsável, ou havia elementos indisciplinados?) Depende, já tive em turmas que era tudo disciplinado, mas também isso era do professor. No 5.º e 6.º era mesmo, mas foi como disse foi depois de eu ter chumbado que eu apanhei aqueles professores, não sei mas a escola tipo é, existem anos que tu vais apanhar aquele professor mesmo mau, mas depois imagina quando chumbava eu ia para outro parecia que eu estava com professores mais, apanhei alguns professores depois de reprovar e eles já me conheciam e ajudavam -me”.

“No 10.º ano reprovei mas tinha tudo para passar, tinha uma professora excelente que era a diretora de turma e eu é que estava nos caminhos errados e aconteceu-me uma coisa má e acabei por chumbar esse ano. Ya tinha mesmo tudo para passar, foi mesmo coisa que eu fiz que me fez reprovar. (entrevistadora: não podes explicar um bocadinho melhor?) Rualidade, não sei se isso explica um pouco. Ya depois do meu 10.º ano, esse ano que eu chumbei tive uma professora mesmo excelente, até ela me disse que tinha tudo para passar, vieste mesmo com empenho, gostei bué de ti. Estava num curso de contabilidade e chumbei aquele ano como perdia aquele ano tive que começar tudo de novo e perguntaram-me se queria ir para turismo ou para contabilidade e eu escolhi contabilidade por causa daquela professora que eu pensei que ela ia estar lá, mas naquele ano por acaso ela não teve. Teve mas dava outra disciplina não era contabilidade. Portanto tive outra professora e como ela não aprendíamos nada. No 11.º ano apanhei a professora que gostava e ela fez uma revisão do ano anterior e depois explicou a matéria do 11.º ano. Foi uma professora excelente”.

Quanto aos apoios familiares, sempre te sentiste apoiado pela tua família?

“A minha mãe, a minha mãe sempre. Ya, mesmo quando reprovei. Até a minha mãe foi má comigo, acho que foi no 5.º ou 6.º ano não sei, reprovei e naquele dia não fui à escola, acho que tive uma consulta, depois ia ao trabalho da minha mãe e isso depois recebi a notícia no telemóvel com a reprovação e disse à minha mãe e a minha mãe como já estava habituada a bater, naquele dia ela não me bateu, disse olha viste, agora esforça-te para o ano, vou fazer o quê. Acho que também ya eu fiquei fogo, talvez eu tivesse levado uma sova não sei. Até hoje eu penso nisso”.

Pela escola tinhas apoios? E fora?

“Fora da escola não tinha, dentro da escola quando eu estava no meu 3.º/ 4º ano comecei no ATL mas o ATL era ao lado da escola, ya, e nesse ATL também apanhei uma explicadora que ensinava bué bem e ela gostava bué de mim. Tive também a ajuda dos professores”.

Que importância atribuis à escola?

“A escola é importante porque nos dá a conhecer o que nós precisamos de saber. A escola tem coisas que devíamos fazer que não fazemos na escola. O ATL e coisas que devíamos aprender e que não nos ensinam. Mas agora que já estou mais velho, sempre pesquiso mais sobre isso, já leio livros e tento me inteirar sobre alguns assuntos. A escola é bom porque nos ensina talvez a ser pessoas na vida, nos instrui, faz nos ter disciplina, faz nos aprender, a ter conhecimentos (vários tipos de conhecimentos) em algumas áreas. (Entrevistadora: porque é que a escola é essencial?)

É essencial porque ajuda muito as pessoas, muitos alunos podiam não ser ninguém e a escola os tira disso, porque uma pessoa sem escola vai estar com o tempo todo livre, não aprende nada e vai estar aí só a fazer porcaria ou procura um trabalho, mas começar um trabalho muito cedo não é aconselhado, ainda por cima para alguém que não tem muito conhecimento, acho que nessa parte aí ajuda”.

Achas que a reprovação afetou a tua atitude perante a escola?

“Houve anos que eu fiquei com raiva mas... Fiquei chateado porque eu sabia que alguns professores mesmo que não gostavam de mim. Nunca pensei em desistir por acaso. Pensei só a partir dos 16/17 anos, mas até lá era tudo tranquilo. Vi que foi um atraso na minha vida. A reprovação como um atraso. Talvez tenha havido alguma vez que serviu para alguma coisa não sei”.

O que é que achas que não correu bem para teres reprovado?

“Foi o que eu disse, a minha mãe trabalhava muito. (Entrevistadora: mas tinha apoio?) Era aquele apoio, não era aquele apoio que outras crianças talvez tenham, porque a minha mãe trabalhava muito, o material ela dava e tudo isso, mas não sei mesmo, por acaso a minha mãe se esforçou bué mesmo, por isso é que eu estou na escola até agora. (Entrevistadora: Então o que é que aconteceu?) Foi a adaptação aqui (em Portugal), foi alguns professores também não se preocuparem se eu passo ou não, foi as minhas brincadeira e parvoíces que eu fiz”.

Qual foi o teu sentimento ao teres reprovado?

“Chateado, fiquei chateado comigo, chateado com a escola. Faz parte, depois isso passa. Acho que reprovar os alunos um pouco... mas talvez às vezes seja necessário tipo recuar talvez alí um ano para ele se adaptar melhor, mas não sei”.

Valeu a pena teres reprovado? Não melhoraste o teu comportamento?

“Melhorei, melhorei e às vezes fiquei com mais vontade em aprender, ya. (Entrevistadora: achas que não é um tempo perdido?) Acho que no fundo é um tempo perdido, estou a falar a sério. Melhorei, mas podia não ter acontecido se fosse de outra maneira até da minha parte e dos professores, havia professores que esquece este ano não posso fazer nada mas às vezes eu tive uma stora que todas as aulas ela mandava recado na caderneta para a minha mãe (risos) a dizer se eu me portava bem ou mal e ya, e havia vezes que ela não mandava mesmo porque eu estava a portar-me bem mas essa professora eu notei que fez diferença eu tinha de me esforçar para não levar um recado. Todos os professores podem ensinar, mas nem todos conseguem te ensinar. Podia ser mais pontual, passava a tudo, ia nas aulas de apoio era algo que eu não fazia. Fazia até ao 5.º e 6.º eu ia estudar para a biblioteca com o meu melhor amigo e ele também me ajudou”.

Que mensagem gostaria de deixar aos alunos que estejam a passar por uma reprovação ou em risco de reprovar?

“Dizia o que ele tinha de fazer e não fazer. Tinha que o direcionar se fosse alguém da minha família. O conselho que eu tenho a dar para que não reprovem é que estudem mais e empenhem se mais e tem tirar sempre as vossas dúvidas e se tem um mau comportamento mudei e tentem sempre estar atentos e fazer as coisas como deve ser e cumprir tudo, com o que os professores mandam mesmo que estejam certos ou errados. Nunca fiquem mal com um professor porque isso é uma coisa péssima e se chumbarem acho que tem que encarar isso pelo lado positivo porque às vezes o que é mau por trás tem alguma coisa boa. Aprendemos isso com a vida e no próximo ano esforce-se mais e tentem fazer o melhor”.

Nome (Fictício): Francisco

Idade: 23 anos

Ano da retenção: 9.º ano

Quantos anos estiveste na escola?

“Ora contabilizando os anos totais que eu estive na escola, estive 13 anos, eu chumbei um, portanto, sim foram 13”.

Em que ano é que reprovaste?

“Reprovei no 9.ºano”.

Quanto não percebias a matéria, o que é que fazias?

“É assim, eu, eu antes de reprovar eu não, a verdade é que eu não estudava. Por tanto isso levou a que eu reprovasse o 9.ºano, depois de reprovar o 9.ºano levei como se fosse assim um abre olhos e comecei, a partir daí a estudar diariamente basicamente o meu esquema era eu chegava da escola, tentava sempre pelo menos meia hora daquele dia, estudava a matéria que dei no dia, e basicamente era isso. Em épocas de testes estudava intensivamente, mais do que o que devia possivelmente, porque era literalmente chegar a casa e muitos dias nem sequer jantava, fiquei traumatizado, por reprovar aquele ano. E era isso eu estudava, imagina se eu tinha 200 páginas do livro para estudar, eu transcrevia tudo, literalmente tudo, copiava tudo para uma pastinha à parte e lia, porque eu a partir, eu lendo a partir do livro parecia

que não prestava a mesma atenção como se fosse eu a escrever, da mesma maneira que eu escrevia ao mesmo tempo, estava a assimilar, ou seja, era mais fácil para mim e isso dava-me muito trabalho, porque era literalmente copiar livros inteiros à mão, mas consegui felizmente e esse era o meu método de trabalho”.

Que recordações tens da escola que não esqueces? Tiveste sempre na mesma escola?

“Não, não, portanto eu sou de Palmela, aqui nós temos dois agrupamentos de escola. (Explicação do funcionamento da escolha das escolas). A que eu mais gostei foi a Secundária de Palmela, porque para quem não conhece a escola é uau, porque a outra escola é muito pequenina, mas é mesmo pequena e é como eu te digo, até ao 9.º ano és sempre muito nova, e depois eu no 7.º ano, passar para a escola de baixo que é a escola grande, até ao 12.º era um mundo completamente diferente, era uma escola com 3 edifícios, tinha gente com 18/19 ano lá e aquilo era como se fosse uma faculdade na altura para mim, foi mesmo uma coisa brutal. Pronto a que eu mais gostei foi mesmo a de baixo, foi uma aprendizagem. Foi um choque inicial, porque é uma coisa completamente diferente, mas foi bom, foi bom”.

Relativamente a disciplinas, que disciplina é que tu mais gostavas?

“Eu sempre fui muito de história, geografia, línguas, sempre foi a minha base”.

Então a que menos gostavas?

“Matemática, sem dúvidas”.

Achas que a escola tinha boas condições para teres um bom aproveitamento escolar?

“Sm, sim sem dúvida. (Entrevistadora: E a outra?). Não querendo apontar dedos a ninguém, a verdade é que na altura eu também não estudava e esse ano felizmente, para mim foi um ano abençoado porque apesar de eu ter reprovado o ano, foi um abre olhos, tinha de acontecer, porque já estava naquela espiral, naquela, eu ia acabar por chumbar um ano qualquer, porque eu não queria saber da escola, a verdade é essa. Mas se calhar era evitável, se calhar tinha sido evitado. Eu divido a culpa é fifty-fifty, minha porque não me apliquei, e também divido a culpa para 2 ou 3 professores que eu senti que me abandonaram logo no primeiro período e sendo abandonado é o meninos bons, os que se sabem vão para a fila da frente os que não sabem vão para a fila de trás e são esquecidos e com certeza que não sou caso único. Eu senti isso na pele”.

Como era a tua relação com os professores?

“Regra geral sim, regra geral gostei de todos, desde sempre, desde a primária até que acabei o 12.º ano, sim, gostei de todos. Mas houve ali 2 ou 3 que, por exemplo, eu hoje não gosto de matemática, eu atribuo muito ao facto do professor que eu tive. (entrevistadora: podes explicar uma situação que não te importes de revelar?). Não, não me importo, houve, houve muitas, chego ao extremo de, por exemplo, de eu ir tantas vezes para a rua, que acabei por fazer trabalho comunitário e foi a única vez na minha vida que eu fiz trabalho comunitário e não acho que seja justo, porque eu estou na escola para aprender e se eu tenho dificuldades tenho que aprender, não é a porem-me a limpar a biblioteca ou porem-me a limpar o pátio ou porem-me a limpar o refeitório que eu vou aprender a matéria, certo? E houve esse desinteresse do professor. Chegou, por exemplo, ao extremo de eu me sentar, portanto dava o toque para entrar, eu sentei-me e este é o episódio mais chocante entre ásperas que eu tenho, a minha borracha caiu para o chão e fui apanhar a borracha, quando eu me baixei o professor olhou para mim e diz “João, pega nas tuas coisas e vai para a rua” ou seja, eu sento hoje que tenho outra idade que era um pretexto que ele tinha, todas as aulas estava a arranjar um pretexto para me mandar para a rua. Não sei explicar porquê. Mas houve mais gente a queixar se dele na altura. Até que ele acabou por ser expulso da escola eventualmente. Mas esse ano, eu penso que esse poderia ter sido salvo, mas a culpa não é só dele, também é minha”.

Achas que os professores se preocupam com os alunos que passam e os que reprovam o ano?

“Não, eu só experienciei isso na minha vida, lá está com esse professor e com uma outra professora, eu tive 13 anos na escola e isso aconteceu-me 2 vezes, portanto se nós formos meter na balança os professores maus e os professores bons, nem há comparação possível. Eu hoje e não só o único da minha turma na altura, que nós tínhamos uma professora que até hoje é a professora que nós ligamos, marcamos um café e damo-nos todos bem. E a verdade é que ela não tem essa obrigação, mas ela enquanto pessoa e ser humano que é, preocupa-se com o que estamos a fazer hoje em dia, não é só na altura e esse acompanhamento que eu acho que um professor também tem de ter. Não é só acompanhar o aluno na altura, nem acompanhar o aluno só na matéria da escola, porque muitas vezes se o aluno vai para a escola e se não tem um bom aproveitamento em qualquer disciplina, muitas vezes isso não tem a ver com ele não perceber a matéria ou não, muitas vezes são coisas que se passam em casa, e os professores por vezes ignoram um bocadinho isso, mas sim, sim fui bem acompanhado”.(não atribuis culpa à escola?). “Não, primeiro atribuo culpa a mim mesmo, porque óbvio e segundo atribuo culpa a, conto pelos dedos duma mão, mas sim é caso raro”.

Como era a relação com os teus colegas?

“Portanto, eu tinha a minha turma da Secundária, quando eu passei para o 7.º ano, era a turma que vinha lá de cima, a turma praticamente toda mudou ao mesmo tempo, logo no 7.º ano e viemos todos em bloco para a escola de baixo, a turma manteve se praticamente igual. Nessa altura, a relação não era assim muito boa, eu sempre fui assim uma pessoa um bocado tímida, introvertido, não... E depois tinha colegas que, eu não posso dizer que sofri de bullying, não físico mas era posto de parte, era aquele miúdo que ia jogar à bola e ninguém passava a bola, andava lá a correr ninguém brincava comigo, mas foi uma aprendizagem e agradeço ter chumbado aquele ano, porque troquei de turma e conheci

pessoas que até aos dias de hoje, falo com elas e me dou com elas e gosto delas e são mesmo meus amigos. Muitas vezes é uma benção disfarçada e eu acho que foi esse o caso sinceramente”.

Portanto a tua relação com os colegas não era de todo fácil? Não existia uma ajuda mútua em relação à escola?

“Pós, portanto, antes de chumbar o 9.º ano, não, a turma que eu tinha antes de chumbar, não de todo, era eles davam-se muito bem entre eles, mas eu era aquela crianças posta de parte.” (entrevistadora: por que é que achas que eles te faziam isso?). “Não, não consigo encontrar resposta, é assim eu sempre fui, eu lembro-me na altura, eu sempre fui uma criança que sempre tive muitos problemas de saúde, desde novo estava sempre constantemente no hospital, sempre internado e eu lembro-me de na altura esse era o motivo da chacota, era por isso que eles gozavam comigo, gozavam ao nível da minha saúde e não sei se era tipo uma aberração, aos olhos deles, mas eu sento que era por isso que eu era posto de parte. Se é ou não é, nunca os confrontei com isso, e também não é agora que vou confrontar. As crianças são cruéis e com certeza hoje em dia eles são diferentes, mas eu acho que por aí”.

Tinhas apoios escolares? E em casa?

“A escola proporcionava aquelas horas de estudo, portanto se tivéssemos 2 horas de almoço, a escola dava 1 em que nós podíamos ir à sala de estudo e tínhamos lá um professor que nos acompanhava e nos dava a matéria das aulas anteriores para nós tentarmos interiorizar aquilo mais facilmente. Em casa também tive apoio no sentido de me meterem nas explicações e foi isso que também me salvou o segundo 9.º ano, porque eu tive também à beira de chumbar. Mas felizmente, consegui também com a ajuda da minha família que me pagaram as explicações e com a ajuda da escola, lá está, desses apoios que eu tive e consegui à última hora agarrar o barco e passei o ano”.

Qual é a importância que atribuis à escola? Não sei se continuas na escola?

“Não, encerrei logo, fui logo trabalhar. Hoje em dia arrependo-me, mas pronto, são circunstâncias, e na altura eu achei que o melhor para mim era começar a trabalhar, mas hoje em dia se calhar dava-me jeito ter um curso superior, dava-me jeito ter uma Licenciatura, ter um Mestrado quem sabe, mas na altura não o fiz, ainda vou a tempo a verdade é essa”.

Achas que a reprovação afetou a tua atitude perante a escola? Foi por teres reprovado que não continuaste?

“Não, isso a reprovação não sinto que esteja ligado ao facto de eu não ter continuado o meu percurso escolar. A reprovação foi mesmo um episódio isolado, aconteceu, as companhias também não eram as melhores, o interesse também não era nenhum, e lá está eu na escola não tinha os meus amigos que me dessem aquele apoio e acabava por encontrar isso cá fora, e foi isso também que me fez não querer saber muito da escola e enfim aquele ano acabou por ir à vida, mas o facto de não ter continuado o meu percurso escolar, na Universidade, Faculdade, não tem a ver com eu ter chumbado o ano, tem mesmo a ver com o facto de eu ter interesse em saber o que é ganhar o meu dinheiro, ter a minha independência financeira e fazer a minha vida sem pedir nada a ninguém, basicamente”.

A tua família apoiou te sem julgamento o teres deixado a escola?

“Sim, sim, sim, eu tive um aproveitamento escolar no 12.º ano, muito bom ou seja a minha nota para ingressar para a faculdade era muito boa, consegui chegar a este ponto, acima da média até e inscrevi-me na faculdade, inscrevi-me no IPS de Setúbal, teve entrada no curso que queria e não me inscrevi, não cheguei a fazer a matrícula, mas tinha o meu lugar garantido e quando eu diz à minha mãe o que é que tinha feito, bem foi um problema, porque o sonho dela é que eu um dia andasse numa faculdade que fosse alguém, desde de pequeno que eu ouvia a minha mãe dizer que queria ir a minha Queima das fitas e isso acabou por não acontecer, mas são decisões que cada um toma, e acho que ela hoje já vive um pouco melhor com isso”.

O que achas que não correu bem para teres reprovado?

“Era mesmo, da minha parte o que poderia ter corrido melhor a mentalidade mudar, mas com 14/15 anos nem sempre nós pensamos da melhor maneira e somos crianças a verdade é que somos crianças. Portanto do meu lado eu não penso que pudesse, hoje claro que sim, com 23 anos havia coisas que eu podia mudar, na altura não, também não havia vontade, eu também percebo o lado dos professores porque se o aluno está desinteressado, não é, eles podem tentar puxar mas a mentalidade não muda, podem falar com a mãe, mas a mãe vai fazer o que, não é, é tudo na cabeça, está tudo na cabeça, é só mesmo uma questão de mentalidade. Em relação ao tal professor, eu acho que ele desistiu muito facilmente, muito facilmente e o papel dele enquanto professor, porque supostamente ele é professor foi porque tirou um curso para tal e porque gosta de lecionar, não é, e ninguém vai para professor para ganhar dinheiro, porque quem vai para professor é gosta daquilo que faz, não sei houve um desinteresse completamente absurdo da parte dele logo desde início, portanto é como eu digo no 1.º período de escolaridade eu já estava a limpar a escola, já tinha recebido tantas faltas naquela disciplina, já tinha recebido tantos processos disciplinares que me meteram a limpar a escola e isso não é solução. Podiam me meter a fazer as provas que eles quisessem, podiam-me meter a ter aulas intensivas de matemática, podiam-me largar o meu horário, meterem-me a entrar mais cedo e ter aulas específicas nesse horário, meter-me a sair mais tarde quem sabe, nos dias que eu saia às 4 meterem-me a sair às 6 e ter ali aquelas horas de matemática. A solução que eles acharam a mais correta foi meter-me a limpar a escola. Não sei do que é que isso me serviu, hoje tenho 23 anos e não percebo, é como se fosse uma medida de correção mas que não vai corrigir nada, não aprendi nada, basicamente, continuei na mesma se já estava mal, pior fiquei”.

Na altura, como é que tu estava em termos emocionais?

“É assim eu estava à espera de reprovar o ano, e a minha mãe também. Toda a gente estava à espera que eu reprovasse o ano, até por causa da situação das aulas, de eu ser posto de parte, estava na cara que eu ia chumbar aquele ano.

Quando eu recebi a notícia aí é que as coisas se tornaram mesmo reais, porque nós temos alguma noção que poderá acontecer, e temos quase 100% certeza que vai ser mas quando chegamos à pauta e vemos efetivamente o reprovado, aí sim as coisas tornam-se reais, não há mesmo nenhum milagre que possa acontecer. É mesmo real, está a acontecer e eu foi-me muito a baixo. Eu acordava de manhã e a primeira coisa que me vinha à cabeça era que eu chumbei o ano, a minha mãe está triste comigo, a minha família está desiludida comigo, fizeram um esforço enorme, pagaram-me explicações, material escolar, livros, tudo e mais alguma coisa e eu deitei tudo fora. E eu que não venho de famílias ricas, de todo. Venho de uma família muito humilde e os meus pais sempre trabalharam muito, portanto posso dizer, por exemplo, que o meu pai não gozava férias para ter dinheiro para me comprar os livros, porque ele tinha que trabalhar as férias para ganhar, para me poder comprar o material e eu basicamente deitei isso tudo fora, era uma criança mimada, eu não era que os meus pais me mimassem, mas eu era mimado porque não dei valor ao esforço que eles fizeram por mim. Acabei por deitar tudo ao lixo e é assim eu com 15 anos tive, não te posso dizer que bati no fundo, mas tive mesmo ali uma queda que me fez abrir os olhos do tipo tem que te agarrar à vida, porque se tu não fizerem ninguém vai fazer por ti. Pelo menos até aos 18 anos tem de ficar na escola, então se tem de ficar na escola pelo menos aproveita e tentar ser alguém, alguma coisa melhor que as outras pessoas, não melhor mas pelo menos igual, saberes um bocadinho mais, e foi isso, fui muito abaixo na altura. (Tiveste algum tipo de apoio psicológico?). Não, não porque lá está eu era e sou uma pessoa introvertida e se eu estou triste ou mal, eu não exteriorizo, então andava simplesmente triste, andava só triste, os professores perguntavam-me “então o que é que tens?” e eu dizia “estou triste” mas fui mesmo muito abaixo, mas nunca pedi ajuda, talvez o devesse ter feito, mas enfim”.

Achas que valeu a pena teres reprovado?

“Sem dúvida, sem dúvida alguma eu hoje se pudesse voltar atrás fazia tudo igual. Porque sem aquela reprovação eu ia continuar na mesma espiral, ia continuar a não querer saber, a desinteressar-me e ainda bem que aconteceu o que aconteceu, ainda bem que eu chumbei, ainda bem que eu tive de bater no fundo, para abrir os olhos e perceber o que se estava a passar e agarrar-me porque ninguém ia fazer isso por mim, agradeço a todos os professores na altura que me deram ânimo e as coisas vão correr bem, vais para a frente, segue e um ano perdido mas vai correr tudo bem, vais ver que para o ano corre melhor e foi, e ainda bem que foi”.

Que mensagem é que gostaria de deixar as pessoas que estejam a passar por uma reprovação ou em risco de reprovar?

“É assim doloroso mais ser sempre, porque ninguém quer chumbar o ano, é um ano deitado à rua, em termos financeiros e de esforço/estudo, mas se tiver que acontecer não encarem isso de forma negativa pensem no por que é que vocês chumbaram, por que é que chegaram ao ponto de reprovar um ano, por que é que chegaram ao ponto de dar esse “desgosto” à vossa família, aos vossos pais que possivelmente trabalharam tanto ou mais como os meus para vos proporcionar material para esse ano, olhem para eles e vejam se eles merecem e eu sei que muitas vezes nós somos miúdos, crianças e ouvimos pessoas mais velhas falar assim e à ele não sabe nada eu é que sei, mas não nós com 13/14 anos não pensamos da melhor maneira ou até 15/16 anos somos assim um bocadinho desinteressados, regra geral, não é que sejam todos, mas encarem isso, por mais difícil que seja de forma positiva, têm encontrar o porquê de as coisas terem acontecido, se são problemas em casa, se são problemas na escola, falta de acompanhamento dos professores, se é mesmo problema vosso e de ter a humildade de perceber que o problema é vosso, porque muitas vezes vocês podem ter o apoio todo da família, podem ter o apoio todo da escola, mas se não tiverem interessados não podem atribuir as culpas a mais ninguém que não seja a vocês e é serem homenzinhos e mulherzinhas de ter mentalidade e humildade acima de tudo de olhar ao espelho e perceber não este ano o problema fui eu, toda a gente esteve atrás de mim, ninguém desistiu, toda a gente me puxou e eu não quis saber e é isso que tem de perceber. É assim se o problema for o ambiente em casa ou se for falta de apoio em casa porque infelizmente acontece, tentem na escola encontrar alguém que vos ajude, não terem vergonha de expor a situação. Muitas vezes a escola tem mesmo clubes de apoio psicológico até para ajudar as pessoas nesse sentido e de proporcionar um ambiente melhor na escola do que aquele que eles tem em casa. E muitas vezes ir para a escola não é uma coisa tão má, se em casa for mau, ou seja muitas vezes estão melhor na escola do que em casa, infelizmente, e não devia ser assim mas, se for então tentem encontrar ajuda, tentem encontrar apoio, não tenham vergonha e tentem ser alguém acima de tudo”.

Nome (Fictício): David

Idade: 23 anos

Anos das retenções: 9.º ano e 10.º ano

Quando tu não perceber a matéria o que é que fazias?

“Quando não percebia a matéria, havia uma probabilidade de 20% de perguntar a um colega meu que soubesse, mas o mais normal era eu deixava passar”.

Então não estudava com muita regularidade?

“Não, era muito raro estudar, era mais o que eu apanhava nas aulas e depois em casa era muito raro estudar só nos meus anos mais novos. Para aí no 1.º ano ao 6.º estudava, mas a partir do 7.º e assim comecei a desleixar e até ao 12.º, 11.º”. (entrevistadora: porque é que achas que não te sentiste tão apto para estudar?) “Sim, eu acho que aptidão eu tinha

para estudar, era mais vontade, não diria que eu tive dificuldades na escola, foi só mais está completamente de cabeça no ar, então acabava por não estudar”.

As escolas por onde andaste tinham boas condições para teres um bom aproveitamento escolar?

“Sim, sim acho que sim, eu tive na minha primária tive aqui no Externato Rui Delgado, aqui em São João, depois Rosmaninho fiz ao até ao 9.º ano e depois quando passei para o 10.º fui para o Liceu diria que o Liceu de São João é o que tem menos assim estabelecimentos e sei lá a escola é menos completa, os Salesianos, provavelmente tudo o que precisasse tinha lá, ali também como já és mais velho já não precisas de tantas coisas. Mas como escolar no Liceu de São João era mais fraquinho”. (entrevistadora: tinhas acesso a internet, livros, entre outros) “Sim, sim no Rosmaninho tinha internet sempre boa e os professores, como a escola era meia privada, tinha mais meios para me proporcionar-me, o Liceu tinha os mínimos. Mas sim eu gostava da escola, sentia-me bem lá”.

Que aprendizagem tiveste na escola e que não esqueces?

“História, não gostava muito de história mas tinha professores bastante bons que sabiam ensinar, sabiam fazer, que a disciplina não fosse tão secante, a disciplina era mais interativa. E isso fez me gostar mais da matéria. E matemática sempre gostei também, a não ser quando a matemática começou a ficar mais difícil, não me lembro bem o ano, mas quando começou a parecer letras na matemática aí é que começou a, cortei aí relações com os números”

Então a disciplina que tu mais gostava era Matemática, certo ? E a que menos gostavas?

“Matemática diria acho que era a que gostava mais. A que menos gostava era Língua Portuguesa, porque eu nunca li muito, por isso acho que as pessoas que não leem muito, não gostam tanto de Língua Portuguesa, mas também era porque as aulas eram muito não sei chateavam muito, era sempre a mesma coisa, uma interpretação de um texto ou uma coisa assim não me trazia atenção, não queria saber mais sobre aquilo”.

Como era a tua relação com os professores?

“A relação com os meus professores era horrível porque eu era uma peste, era um miúdo difícil, mas eu acho que os professores, agora que olho mais à frente, os professores na verdade queriam saber de nós, nós éramos só uns alunos de porcaria, então era difícil ter uma relação boa com um aluno muito mau ou que só faz porcaria nas aulas está sempre a destabilizar. Mas se não fosse o caso, acho que os professores queriam saber que nós tivéssemos um futuro não se estavam completamente a borrifar para nós. Queríamos ajudar e assim. (Entrevistadora: mesmo nos anos que reprovaste sentiste este apoio por parte dos professores?) Não, eu na altura eu não sentia isso, sentia que eles não me queriam ajudar em nada. Só que agora a ver agora mais à frente, sabia que eles me queriam ajudar porque algumas atitudes que eles tinham que na altura, “à pá não me chateies, está só a mandar vir comigo porque sou eu e não sei quê” mas acho que eles queriam me na verdade ajudar me e pronto acho que é isso. Eu é que na altura não aproveitei, basicamente, não aproveitei na altura”.

Na tua opinião achas que os professores se preocupam se um aluno reprova ou não?

“Acho que sim, não é para generalizar todos os professores, há professores que claramente não pensam assim, mas a maior parte dos professores que eu apanhei pensavam assim. (porque é que achas que uns se preocupam mais do que outros?) Eu acho que é só porque não somos todos iguais não é, vai haver pessoas que tem menos interesse nisso, estão a fazer o trabalho delas para ganhar o seu dinheiro e não estão tão preocupados com o futuro dos alunos. É só uma opinião pode não ser verdade”.

Como era a relação com os teus colegas? Sentias-te inserido na turma?

“Sim, isso aí sempre, nunca fui excluído de numa turma. Mesmo quando chumbei, o 9.º ano foi o ano mais, foi o primeiro ano que eu chumbei, foi o que teve mais impacto, porque estava com os meus colegas desde o 5.º ano e depois quando chega o 9.º ano muitos mudaram de escola e mesmo os que não mudaram ficaram mais um ano a seguir e era completamente diferente como era um ciclo diferente era muito raro estar com eles”.

Como é que achas que era o ambiente em sala de aula/escolar?

“Nós se quiséssemos conseguiríamos aprender eu acho que o problema era que nós não queríamos aprender, não queríamos estar ali, então não aprendíamos nada estavam só a brincar e sempre que podíamos sempre que não estavam a olhar ou assim estavam mais focados na brincadeira do que na verdade na aprendizagem, mas eu acho que tínhamos possibilidades foi só mesmo mentalidade de miúdo”.

A escola proporcionava-te apoios?

“Existiam apoios escolares, mas eram para pessoas que tinham realmente uma espécie de atraso mental. Se não tiveres nenhum problema, não havia apoios escolares, tinhas nos critérios deles tinhas capacidades para passar como toda a gente, a não ser que tivesse alguma deficiência ou assim é que havia um apoio especial, acho que o apoio especial se eu quisesse um apoio especial era pago, enquanto que se eu tivesse uma dificuldade tinha era grátis era oferecido pela escola. (Entrevistadora: reprovaste com muitas negativas?) Sim, no meu primeiro 9.º ano, o primeiro ano que eu chumbei reprovei com não sei bem o número mas $\frac{3}{4}$ das disciplinas eram negativas, no final do ano pelo menos. E depois no 10.º ano também foi uma coisa do género, foi no 1.º período de aulas tive cerca de 4, depois pensei em recuperar pensei para umas 7 e depois no 3.º período já estava completamente a borrifar para aquilo. (Entrevistadora: e os professores não puxavam por ti?) Que eu me lembra não, porque eu no meu 9.º ano já estava ali, no 8.º ano já passei o ano assim

um bocado rês-vés e já estavam a ver a peça que se estava a tornar, depois no 9.º ano continuou a mesma coisa. Pronto eles diziam alguma coisa, mas assim umas indireta ou assim. Mas não sei, acho que não. Mas sim exato, nunca me puxaram para o apoio e era aquela coisa de teres capacidades para se consegues, não diziam para ir ao apoio, só se fosse a um apoio específico para a turma inteira ou quem quiser pode aparecer, mas eu na altura nunca queria aparecer ao apoio, era opcional então escolhia sempre não ir. Provavelmente ia a um ou a outro, mas desde que comecei a ficar um mau aluno parei de ir. Sei lá, tinha outras prioridades, estar a brincar com os meus amigos, conviver o que fosse, nem que fosse ir para casa mais cedo, qualquer coisa eu preferia qualquer coisa a estar em mais uma aula que não precisava de estar lá, não era obrigatório estar lá. Eles dão os apoios, havia por exemplo apoios semanais para as pessoas que precisavam mesmo de apoio e depois às vezes havia um professor que dizia olhem vamos ter um teste na 6.ª feira, então eu na 5.ª feira vou fazer um apoiozinho para esclarecer dúvidas e coisas assim, só que os maus alunos nunca tem dúvidas porque não sabem nada, basicamente é isso”.

Sempre tiveste apoio por parte da tua família?

“Sim, sim eu acho que tiveram-me sempre a apoiar só que é da mesma forma que eu tentava esconder as coisas, para não terem de me chatear, das notas e estudos, trabalhos de casa o que fosse. Mas estavam sempre lá para mim, quando eu precisasse, eu é que também não queria a ajuda deles, porque eu não queria fazer aquilo. Então era mais de esconder ou assim, é horrível dizer isto mas é verdade. (Entrevistadora: e por que é que sentias essa necessidade de esconder?) Porque eu já sabia que ia ser castigado pelas notas más que ia ter e pelas porcarias que andava a fazer, como não estava a seguir o percurso escolar como deve ser, e os meus pais tinham expectativas, não sei, na minha família nunca foi muito normal, não à pessoas que chumbem. Na minha família mais próxima eu sou a única pessoa que chumbou. Então é assim, acredito que tenha sido um bocado, uma imagem, não é isso como é óbvio, também se preocupavam comigo, mas também era um bocado. A minha irmã, por exemplo, foi uma excelente aluna, então sei lá devia haver ali uma expectativas um bocado mais altas, e como me castigavam e eu não queria ser castigado, optava por esconder as coisas para passar sem nada. Normalmente não funciona assim, acabam por descobrir tudo, nem que seja quando o ano acaba”.

Que importância atribuis à escola?

“Eu acho que a melhor coisa da escola, na minha perspectiva é teres “Social Skills” na escola ganhas imenso isso acho que é das coisas mais importantes, porque mesmo no mundo do profissional podem saber tudo, a teoria toda mas se não souberes interagir com as pessoas, tudo o que aprendeste vai ser um bocado em vão. Não é tudo como é óbvio, mas na escola eu acho que o mais importante é tu saberes lidar com pessoas, vá apresentações de trabalhos também acho que é uma coisa super fixe que é conseguires falar à vontade para um grupo grande, acho que aí são as coisas melhores. Eu acho que a aprendizagem está um bocado fraca, também é uma coisa difícil de melhorar, mas basicamente as escolas ensinam 600 alunos ou uma coisa assim, são pessoas diferentes, com capacidades diferentes e estão a formá-los para alguma específica. De certeza que há alunos que têm mais criatividade que outros, mas nas disciplinas, não estimulam isso. Provavelmente, também é muito difícil para coisas correm bem tinha que ser uma espécie de 10 alunos por turma, um professor também não consegue aproveitar a capacidade de todos os alunos de maneira diferente, também não sei é uma ideia, não sei bem como é que a ia pôr em prática. (entrevistadora: Mas na tua opinião a escola é importante?) Sim, sim, sim é importante, acho que é importante mas podia ter, se calhar pelo menos, quando somos mais novos pelo menos do 1.º ao 7.º ano acho que podia ter uma carga escolar, um horário um bocadinho diminuído, porque eu acho que os miúdos também precisam de brincar e de se magoarem e coisas assim para aprenderem com a vida se não também não pode ser só livros”.

Achas que a reprovação afetou a tua atitude perante a escola?

“Se calhar um bocadinho, não sei como, mas também não quero estar a dizer que não afetou, não sei. Provavelmente deve ter afetado alguma coisa mas não o suficiente, uma coisa muito grande. Porque eu antes de reprovar, na altura eu tinha uma ideia má da escola, sei lá que porcaria tenho de ir para aqui, tipo obrigatório, não me apetece nada ir para aqui, mas acho que depois de reprovar, se calhar um bocadinho, eu fui, acho que o facto de eu ter reprovado foi um bocado um “abre olhos” para o que eu estava ali a fazer. Se calhar a primeira vez que, isto aqui parece que eu estou a gozar porque é tipo um abre olhos no 9.º ano, mas depois chumbei outra vez no 10.º. Acho que mudou um bocadinho a opinião, mas não sei bem o quê, não sei bem expressar o que é que mudou. Se calhar não, se calhar não, acho que não foi o facto de eu ter reprovado, foi o facto de eu ter ficado mais velho é que mudou um bocado a minha opinião da escola. (Entrevistadora: mas nunca quiseste desistir) Não, pois isso aí, quando eu reprovei só queria não reprovar de novo, isso é horrível, já para não falar que naquela idade, um ano é uma diferença dos teus colegas, um ano faz muita diferença e então 2 não queria imaginar. Quando eu reprovei o que me deu mais foi, vá tenho que passar isto e ir para um curso, mas também o que eu sentia na altura era que o curso. Um aluno chega, maior parte dos alunos chega ao 9.º ano e não faz ideia do que quer da vida, o que é que quer seguir para a vida, então o curso, eu acho que fui para ciências porque como não sei o que quero fazer vou para o que dá mais saídas. E acabei por chumbar, porque era um mau aluno, uma pessoa que vai para ciências tem que saber estudar. Então reprovei de novo, mas acho que não mudou muito a minha opinião, mas foi mais a idade do que o facto de ter reprovado”.

Gostavas de estudar até quando?

“Diria que era (entrevistadora: qual é o teu objetivo com a escola?). Estou a acabar o 12.º porque eu estou com objetivos de ir ter um curso de electricista ou de aquecimento de gás. E é preciso o 12.º, mas o meu objetivo é quando acabar o curso de electricidade e instalações elétricas, começar logo a trabalhar, não estou a pensar em tirar um curso superior ou assim, depende do que é que o meu curso me der. Se for um nível elevado, logo o curso e eu fizer o primeiro e depois um nível elevado, o meu objetivo é começar logo a trabalhar na área, se for um nível inferior dá-me menos possibilidades, quero ter um conhecimento maior do que a média antes de parar de estudar. Isto de parar de estudar, começar a trabalhar

para depois começar a estudar outra vez é muito raro acontecer, porque estás habituada a ter o teu dinheiro e assim e depois vais estudar ou assim não à dinheiro, a não ser que trabalhe à noite faz horas, muito mais difícil, prefiro acabar os estudos e depois ir trabalhar, mas o meu objetivo é saber bem sobre isto saber o que eu vou tirar e depois parar de estudar. (e a tua família apoia-te nessa decisão?) Apoia, apoia”.

O que é que achas que não correu tão bem para reprovares?

“Acho que era só o facto de não estudar, não estudava e não estava interessado, quando não se está interessado numa coisa é mais difícil fazê-la. E eu acho que a razão de eu ter reprovado era eu não queria saber da escola estava, só queria estar com os meus amigos, eu ia à escola para estar com os meus amigos, ia à escola porque era obrigatório, obrigavam-me, mas a razão de eu estar lá, eu quero estar com os meus amigos, só ir às aulas, só ia porque era tudo controlado, se não fosse eu nem ia. A razão de eu ter reprovado era porque eu não queria aquilo, não gastava tempo nenhum para poder passar, eu fazia o mínimo para ver se conseguia passar ali com o 3, na altura do 9.º ano e pronto era isso, não dava não me esforçava o suficiente. Mas não culpo a escola nem nada, a culpa era minha”.

E qual foi o teu sentimento em relação à reprovação?

“Fiquei super chateado, triste, até porque não tanto porque reprovar mas o facto de ter perdido a minha turma. Os meus amigos tudo, ou a maior parte passou de ano e eu fiquei no 9.ºano, acho que foi a pior coisa. Porque em aprendizagem e assim não me valeu de muito, pronto chumbei, olha agora pelo menos já sei alguma coisa da matéria, aquele pensamento positivo sei lá. Mas o pior foi mesmo ter me separado dos meus amigos, fiquei mais triste por causa disso”.

Valeu a pena teres reprovado?

“Não sei, se calhar se eu não tive se reprovado algumas coisas não teriam acontecido na minha vida porque eu como tinha passado tinha perdido o tempo a estudar ou assim o que for para poder passar, não consigo dizer que o facto de eu ter reprovado piorou a minha vida ou melhorou. Melhorar acho que não melhorou. (entrevistadora: nem nas notas?) Não, eu depois de ter reprovado estava só mais agora tenho de passar, em que seja só tipo, rés-vés, não melhorei as minhas notas, nunca tive notas muito melhores nem nada, nunca fui bom a estudar. Eu era melhor em coisas práticas e atividades que não precisava, não sei não tinha que ter tanta teoria, ou aprendia a teoria na prática basicamente. Não me afetou o facto de ter reprovado para dizer a verdade. Piorou a minha vida académica, em relação a tempo académico, porque perdi tempo, tenho amigos meus agora que era da minha turma quando eu era mais, que estão a começar o Mestrado ou uma coisa assim e eu ainda nem acabei o 12.º ano é um bocado frustrante, para dizer mas não sinto aquela coisa que as pessoas às vezes dizem que vais reprovar, vais perder um ano da tua vida. (Entrevistadora:achas que foi um tempo perdido?)Não, não acho que não porque as pessoas aprendem com os erros, por isso não foi tempo perdido, porque se eu não tivesse, sei que antes de reprovar, já sabes que reprovar é um erro, mas é mais fácil de entenderes quando sentes mesmo na tua pele, quando te acontece a ti, falar é assim um bocado abstrato, acho que é mais isso”.

Que mensagem gostarias de deixar as pessoas que estejam a passar por uma reprovação ou em risco de reprovar?

“Desde que consigas passar os primeiros anos, quando estás a tirar uma formação, mesmo profissional, eu diria tenta pelo menos passar... Não perder tempo com brincadeiras que podes fazer, consegues gerir o teu tempo basicamente, tu consegues estar a estudar, não precisas de ser o melhor aluno da tua turma, mas estares ali na média e vais conseguir estar com os teus amigos na mesma por que tem tempo para isso”.